

# ILUSTRAÇÃO



# Biblioteca de Instrução Profissional

## LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

### OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

#### ELEMENTOS GERAIS

- Álgebra Elementar**, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs. 13\$00
- Aritmética Prática**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. 13\$00
- Desenho Linear Geométrico**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. 12\$00
- Elementos de História da Arte**, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. 25\$00
- Elementos de Mecânica**, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. 12\$00
- Elementos de Metalurgia**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav. 20\$00
- Elementos de Modelação de ornato e figura**, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav e 30 est. 12\$00
- Elementos de Projecções**, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. 18\$00
- Elementos de Química**, pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15\$00
- Escrituração Comercial e Industrial**, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs. 12\$00
- Física Elementar**, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. 15\$00
- Geometria Plana e no Espaço**, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav. 15\$00
- O Livro de Português**, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. 12\$00

#### MECÂNICA

- Desenho de Máquinas**, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. 30\$00
- Material Agrícola**, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras. 15\$00
- Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. 15\$00
- Problemas de Máquinas**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav. 18\$00

#### CONSTRUÇÃO CIVIL

- Acabamentos das construções**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav. 17\$00
- Alvenaria e Cantaria**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 288 págs., com 337 grav. 15\$00
- Cimento Armado**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav. 28\$00
- Edificações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 191 grav. 17\$00
- Encanamentos e Salubridade das habitações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras. 15\$00
- Materiais de Construção**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. 30\$00
- Terraplenagens e Alicerces**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. 15\$00
- Trabalhos de Carpintaria Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 410 págs., com 464 grav. 20\$00
- Trabalhos de Serralharia Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 360 págs., com 442 grav. 18\$00

#### CONSTRUÇÃO NAVAL

- Construção Naval**, IV volume (Construção de navios de ferro) pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 298 grav., formato 16 x 22. 12\$00
- Construção Naval**, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 x 22. 12\$00

#### MANUAIS DE OFÍCIOS

- Condutor de Automóveis**, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.
- Condutor de Máquinas**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. 25\$00
- Electricista (Novo Manual do)**, pelo eng. Hugo Pinto de Moraes Sarmiento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav. 25\$00
- Fabricante de Tecidos**, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. 25\$00

- Ferreiro**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 115 grav. e 34 estampas. 15\$00
- Fogoeiro**, pelos eng. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. 18\$00
- Formador e Estucador**, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras. 12\$00
- Fotógrafo**, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav. 12\$00
- Fundidor**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15\$00
- Galvanoplastia**, por André Brochet, tradução de Manuel Vêres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. 18\$00
- Marceneiro**, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas. 20\$00
- Motores de Explosão**, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav. 30\$00
- Navegante**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras. 15\$00
- Pilotagem**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras. 17\$00
- Serralharia Mecânica**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav. 20\$00
- Topografia e Agrimensura**, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 434 págs., com 282 grav. 22\$00
- Torneiro e Frezador Mecânicos**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. 17\$00
- Vocabulário de Termos Técnicos**, pelo eng. maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs. 30\$00

#### DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

- Indústria Alimentar**, por Pedro Prostest — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14\$00
- Indústrias de Fermentação**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. 14\$00
- Indústria de Sabões e Sabonetes**, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. 10\$00
- Indústria do vidro**, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav. 15\$00

*Todos estes livros são encadernados em percalina*

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73—75—LISBOA**

# PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

## ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL—Rua da Alegria, 30—Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 51, 1.ª—Lisboa

### PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Acaba de ser posta à venda a 10.ª edição de

# FÁTIMA

GRAÇAS \* SEGREDOS \* MISTÉRIOS

PELO DR. ANTERO DE FIGUEIREDO

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 578 páginas, com uma capa artística a cores e ouro, de ALBERTO DE SOUSA, Esc. 12\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

## GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

# ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA  
OS REUMATISMOS  
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artrítica  
É o unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias  
Produits BÉJEAN - Paris



Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

**BAUME BENGUÉ**

Apr. D. S. P. em 0 3 1913 500 0 N.º 28

**RHEUMATISMO-GOTA  
NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmacias

## ACABA DE APARECER

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

# SEVERA

(Maria Severa Unofriana)

1820-1846

POR JÚLIO DE SOUSA E COSTA

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a cores do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, Esc. 8\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

# Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

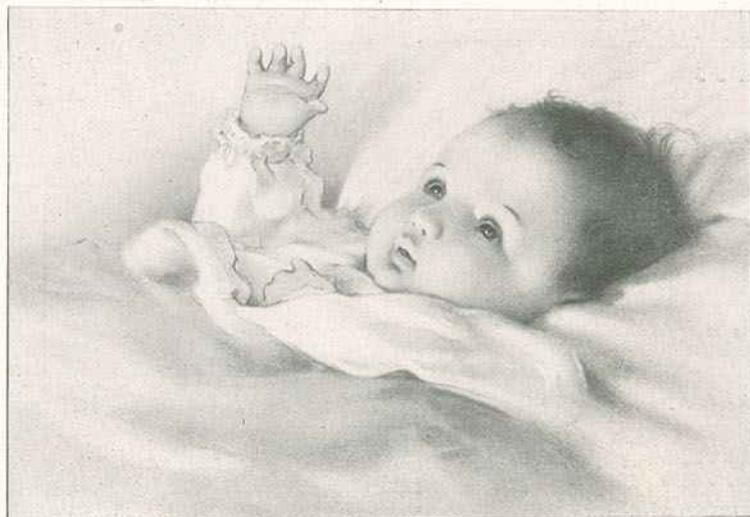
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

## GRAVADORES IMPRESSORES

# Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27  
LISBOA



**ÀS MÃES PORTUGUESAS**

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.<sup>a</sup> edição de

**O MEU MENINO**

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer  
pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a cores

1 vol. de 368 págs., broc., Esc. 15\$00; enc., Esc. 20\$00  
Pelo correio, à cobrança, mais 1\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**À VENDA**

**AGOSTINHO DE CAMPOS**  
Da Academia das Ciências de Lisboa

**GLOSSÁRIO**

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES,  
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE  
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... 15\$00  
Pelo correio à cobrança ..... 16\$50

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

**DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso  
e muito bem encadernado em percalina verde  
Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
Rua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa  
do terceiro centenário da Restauração

**ACABA DE APARECER**

**A RESTAURAÇÃO**

POR **EDUARDO BRASÃO**  
Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato  
do rei D. João IV, broc. Esc. 18\$00  
Pelo correio à cobrança . . Esc. 20\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

**AQUILINO RIBEIRO**

**MÓNICA**

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., Esc. 12\$00; enc., Esc. 17\$00  
Pelo correio, à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**À VENDA**

**DESPORTOS  
EDUCAÇÃO FÍSICA  
E ESTADO**

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch. .... 8\$00  
Pelo correio à cobrança ..... 9\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**INTELIGÊNCIA**

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL  
Esc. 4\$00

**VIVER!**

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza  
Esc. 4\$00

**Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

PROPRIEDADE  
DA LIVRARIA  
BERTRAND

REDACÇÃO E  
ADMINISTRA-  
ÇÃO: RUA AN-  
CHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: -  
2 0535

16-ABRIL-1939  
N.º 320 - 14.º ANO

# ILUSTRAÇÃO

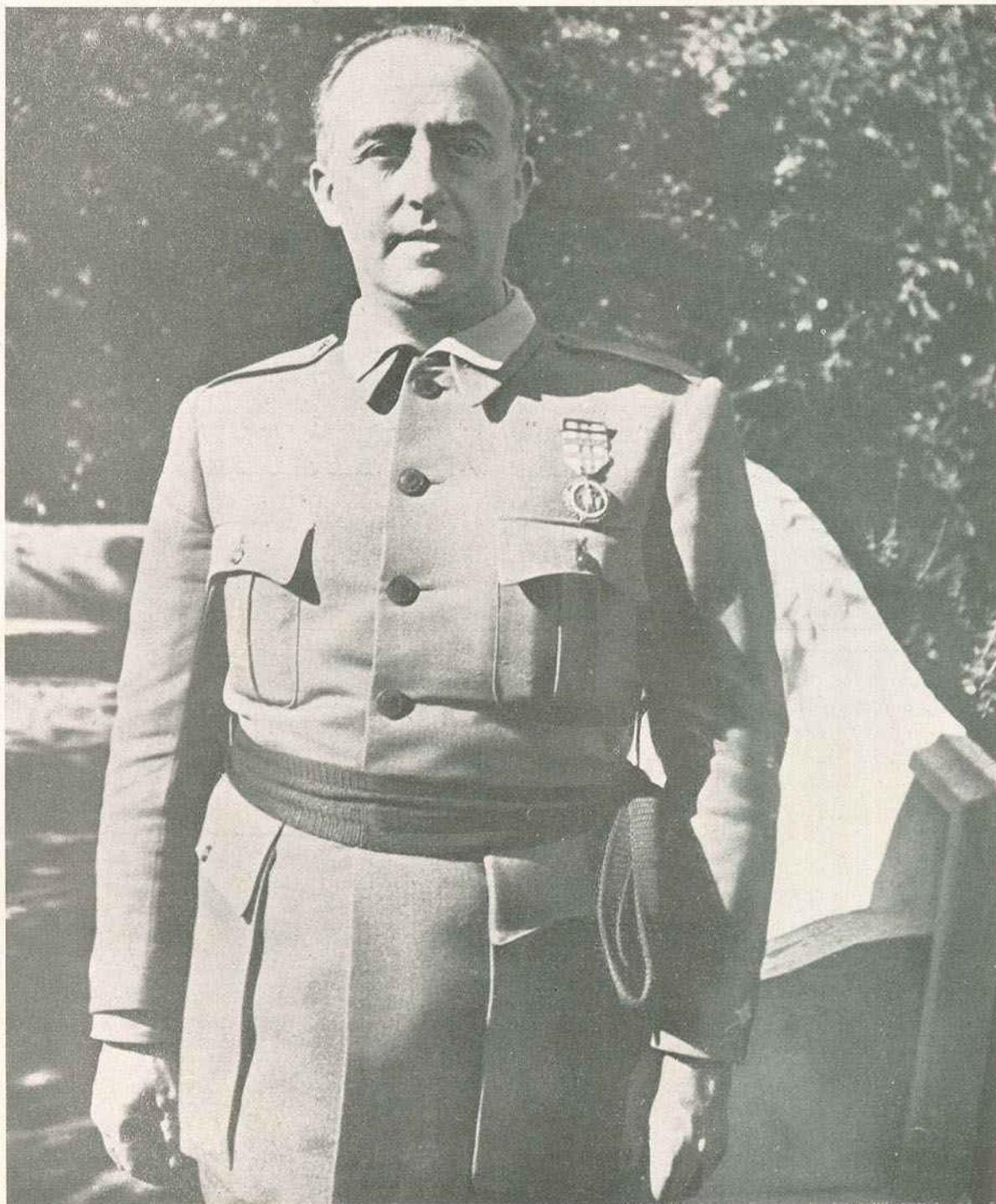
*grande revista portuguesa*

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca - Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

## O HERÓICO VENCEDOR DA GUERRA DE ESPANHA



O generalíssimo Franco, vencedor da guerra de Espanha e de cujas mãos surgirá a grande nação de tão nobres tradições

# A SEMANA SANTA EM LISBOA



Vários aspectos da Semana Santa em Lisboa em que as cerimónias litúrgicas tiveram grande concorrência nos vários templos, honrando-se assim uma antiga tradição



# COMEMORAÇÕES DO 9 DE ABRIL



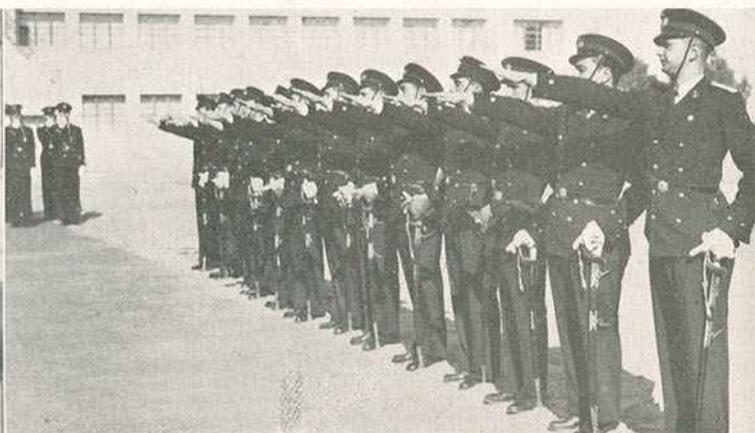
A direcção da Liga dos Combatentes em frente do Mosteiro da Batalha. — Em cima, à direita: Um aspecto do cortejo no cemitério do Alto de S. João. — Ao centro: Patrulha de antigos ciclistas combatentes. — O sr. general Daniel de Sousa com os vencedores da corrida «Chama da Pátria»



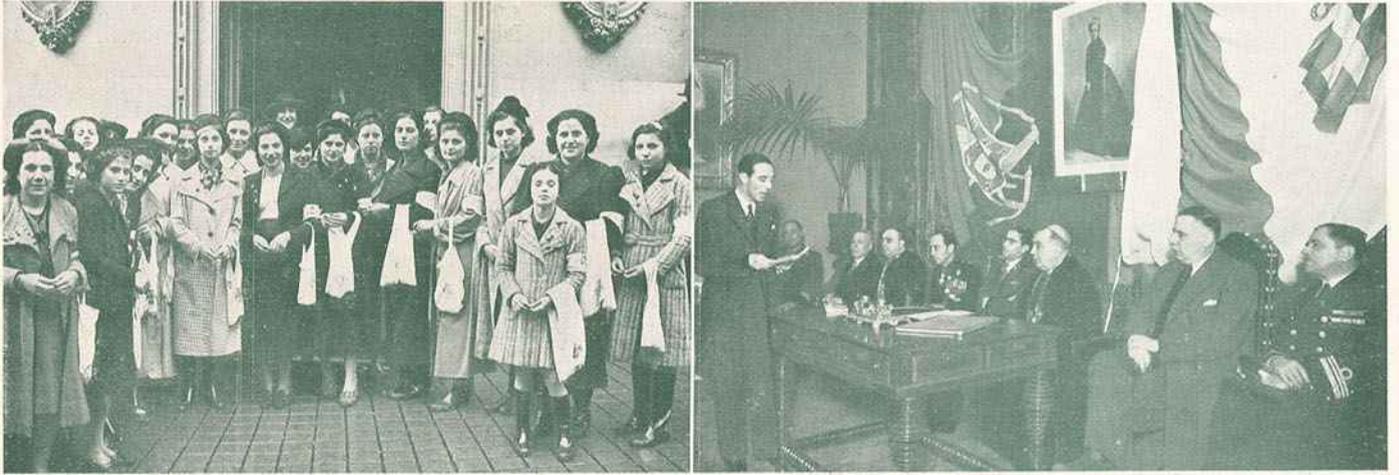
Um aspecto das comemorações do 9 de Abril na cidade do Porto. — À direita: As autoridades portuguesas junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra

# O JURAMENTO DE BANDEIRA DOS CADETES DA ARMADA

*Em cima, à direita:* O sr. Presidente da República com os ministros da Marinha e da Educação Nacional visitando as novas instalações da Academia de Marinha. *Ao centro:* O Chefe do Estado entregando os prêmios aos alunos, e os novos cadetes prestando juramento de bandeira. *Em baixo:* O desfile do corpo de alunos perante o sr. Presidente da República.



## NOTÍCIAS DA QUINZENA



Jovens portuenses que participaram gentilmente na venda do Capacete por ocasião da comemoração do 9 de Abril. — *A direita*: Homenagem à memória da Rainha D. Maria Pia, no Porto. Na sessão solene, o sr. Conde de Aurora lendo o seu discurso enaltecendo as altas virtudes da esposa de D. Luiz, que o povo cognominou de *Anjo da Caridade*



*Ao centro*: Um aspecto do jantar oferecido no Centro Espanhol para festejar o fim da guerra de Espanha, tendo assistido cêrca de trezentos convivas da colónia espanhola. Seguiu-se uma velada artistica que terminou por um baile animadissimo. — *Em baixo*: Alunas do Liceu D. Felipa de Lencastre na festa de homenagem que foi prestada à reitora d'êste estabelecimento de ensino, sr.ª D. Maria Margarida da Silva



O Presidente Lebrun que acaba de ser reeleito

A Assembleia Nacional da França reelegeu o Presidente Lebrun. É curioso verificar que desde a proclamação da III República, o Presidente mais votado foi Thiers, eleito por aclamação. Foi, portanto, Presidente 100 por cento. Isto não lhe garantiu estabilidade, pois, em 24 de Maio de 1873 era forçado a demitir-se, tendo desempenhado as suas altas funções apenas durante dois anos e três meses. Seguiu-se Mac-Mahon que alcançou 99% da votação. Depois, iremos contando; Júlio Grevy, 82% na segunda eleição, e 79% na primeira;



Thiers



Mac-Mahon



Júlio Grevy



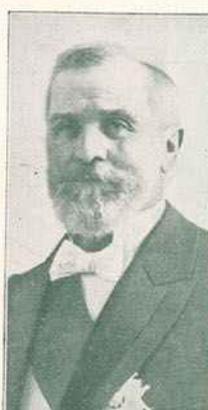
Sadi-Carnot



Casimir-Perier



Félix Faure



Loubet



Fallières

Sadi Carnot, 73%; Casimir-Perier, 53%; Félix Faure, 53%; Loubet, 58%; Fallières, 53%; Poincaré, 55%; Deschanel, 82%; Millerand, 78%; Doumergue, 60%; Paul Doumer, 56%; Lebrun, 56%.

A França saiu do Segundo Império pela desastrosa guerra com a Prússia, geradora da unidade alemã, viu proclamada a República, que se julgou efêmera. Naturalmente, caído um regime monárquico, era lógico um sistema contrário, que facilmente desapareceria após os encontros desesperados da opinião. Pensou-se na investidura de um Bourbon, o conde de Chambord; depois um Orléans, o conde de Paris; também se julgou possível restabelecer o trono imperial na pessoa do filho de Napoleão III, mas Bismarck entendeu que a República lhe daria mais aso para a reorganização de uma Alemanha sólida.

A Assembleia Nacional de Versalhes elegeu um antigo ministro de Luís Felipe, Adolfo Thiers, que conseguiu escapar às tentativas de fazer parte dos governos inferiores, obtendo assim as probabilidades, que de outra forma faltariam, para a sua chefia do Estado.

A Comuna praticava atrocidades em Paris; o resto da França resistia, tendo ainda o seu solo ocupado pelos alemães, e o combate deu-se sob o impulso do velho político, que governou desde 17 de Fevereiro de 1871 até 30 de Abril como chefe do Poder Executivo, sendo Presidente da República durante o período de 31 de Agosto a 24 de Maio de 1873, realizando-se durante o seu governo a libertação do território nacional mediante o pagamento da indemnização de guerra.

Os monárquicos manobram para o assalto ao poder, defendido pela coligação republicana.

Em 24 de Maio de 1873 foi eleito o marechal Mac-Mahon, monárquico, com o qual se contava para facilitar o regresso da realza. Prolongou-se a sua presidência por 5 anos e 8 meses, e no meio dos ataques de todas as espécies, o regime

As espinhosas honras do Palácio do Eliseu

# Os Presidentes da República Francesa desde Adolfo Thiers a Alberto Lebrun

trionfou, merecê da atitude de Gambeta e dos outros democratas. Não foi possível consolidar a chefia do marechal durante os sete anos que se lhe tinham outorgado, porque as investidas dos republicanos redobraram e, em 30 de Janeiro de 1879, Mac-Mahon demitiu-se, escolhendo-se para o substituir um velho democrata, Jules Grevy, deputado de 1848, inimigo do Império, preso quando do golpe de Estado de 2 de Dezembro de 1852 e reeleito para a Câmara Legislativa em 1869. Foi agitada a sua presidência. Manteve firmemente as instituições, embora à custa de muitos esforços; os essenciais factos do seu governo consistiram na laicização do ensino, no desenvolvimento da política colonial, merecê do presidente do conselho Jules Ferry e na expulsão dos príncipes que faziam propaganda de seus direitos. O pretexto foi o casamento da princesa Maria Amélia de Orléans com D. Carlos de Bragança, porque na cerimónia realizada na rua de Varennes se dera um espectáculo verdadeiramente realengo. A nobreza desfilara nos salões e os condes de Paris tinham sido tratados como verdadeiros soberanos. Aproveitou-se a ocasião para expulsar os membros da família Bonaparte.

Grevy tinha um genro, Wilson, que negociava em condecorações, e o escândalo tomou tal incremento que o Presidente se viu obrigado a dar a sua demissão, tendo exercido o seu cargo desde 30 de Janeiro de 1879 a 2 de Dezembro de 1887. Eram-lhe fatais os dias 2 de Dezembro.

Sadi Carnot, neto de Lazaro Carnot, o

grande republicano de 1793, subiu ao poder mais pela auréola do seu grande avô que pela acção própria.

Rebentara na França um movimento de carácter ultra-conservador, que tomou por chefe o general Boulanger. A propaganda do seu nome tomou enormes proporções e custou milhões aos partidários. Queriam fazer dele um ditador, espécie de Monk, o general inglês que conduziu a trono Carlos II após o Protectorado de Cromwell.

Também se deu um grande escândalo durante a presidência de Carnot. Os negócios tomavam proporções como no tempo do Império; havia deslumbramentos e falências estrondosas, quando surgiu o caso do Panamá, no qual foi envolvido Lesseps, o glorioso vencedor da obra do Canal de Suez. Muitos políticos franceses viram os seus nomes citados como participantes nas misérias das transacções e uma onda de lama cobriu muitos dos sustentáculos das instituições.

Os anarquistas lançaram mão do terrorismo para abalar os fundamentos de uma sociedade que diziam pervertida, desejando regenerá-la pelo fogo e pela confusão de suas doutrinas. Um militante italiano, Caserio Santo, assassinou Sadi Carnot, durante a sua viagem triunfal a Lião, em 24 de Junho de 1894. Governara desde 3 de Dezembro de 1887.

Sucedeu-lhe Casimir Perier (27 de Junho de 1894 a 15 de Janeiro de 1895) e não deixou de ser agitado o período governamental da sua chefia.

Volaram-se leis de repressão contra

tódas as tentativas que pusessem em dúvida a legitimidade do Estado, desde as propagandas anárquicas até às religiosas. Estalara, porém, a terrível questão Dreyfus. Acusado de ter vendido à Alemanha documentos secretos, respeitantes à defesa nacional, o oficial foi condenado a deportação perpétua na Ilha do Diabo. Era israelita, e logo os católicos e os reacccionários desencadearam terríveis ataques contra os judeus e contra a República que permitia nas fileiras do exército indivíduos daquele credo.

A campanha de Madagascar, que deu mais uma colónia à França, não abateu as fúrias. Fazia-se em volta do exército a maior das apoteoses, esperando-se muito das tentativas há longo tempo preparadas, e o general Boulanger suicidara-se na Bélgica, tendo demonstrado a sua falta de qualidades para o papel que lhe destinavam.

Félix Faure, burguês, industrial e comerciante, desenvolveu luxo principesco e os franceses cognominaram-no Félix I. Coubera-lhe levar a cabo a aliança franco-russa e o resto da conquista de Madagascar. Os partidos agitavam-se; os socialistas tiveram entrada no Parlamento, mas a questão Dreyfus perturbava, mais do que nunca, a vida nacional. O presidente morreu, de uma maneira misteriosa, no Eliseu, em 16 de Fevereiro de 1899, tendo governado desde 17 de Janeiro de 1895. Atribuiu-se a sua morte à visita de uma formosa dama e em circunstâncias que já tinham vitimado Gambetta.

O presidente Émile Loubet, plácido, bom chefe de família, inimigo da ostentação, devia ser alvo de doestos, porque



O Presidente Lebrun brindando pela França

durante a sua presidência se votou a lei Combes, e da separação das igrejas do Estado. Surgira o nacionalismo com carácter do regresso às instituições tradicionais; a questão Dreyfus preocupava mais a França, porque se ia descobrindo a inocência do acusado. O presidente esteve em Lisboa, em 1905, a ligar os laços da aliança que devia solidarizar a Inglaterra, a França, a Espanha, Portugal e possivelmente, a Itália, contra as pretensões da Alemanha. Deixou o poder em 1906, e, retirando-se para a sua propriedade de Montelimar, morreria com 81 anos, em 20 de Dezembro de 1929.

Depois do anarquismo e do socialismo, já considerado partido burguês, apareceu a acção sindicalista, com seu vago comunismo a combatê-la. Presidiu aos destinos da França Armand Fallières (18 de Fevereiro de 1906 a 17 de Fevereiro de 1913). Dera-se o desafio alemão em Agadir, ante a colonização de Marrocos pela França, e, era tal a pressão externa, que começou nesse período esse fatal desenvolvimento dos armamentos que sobressalta e arruína os povos. A aviação desenvolvia-se intensamente. Não estava longe a guerra mas o velho presidente não exercia já as suas funções quando se deflagrou esse pavoroso flagelo de que estamos ainda sofrendo. Estava em Loupillon, tratando das suas vinhas, o antigo chefe de Estado, no período da hecatombe. Morreria aos 90 anos, em 22 de Junho de 1931.

O presidente do período acerbo da Grande Guerra foi Raymond Poincaré (18 de Fevereiro de 1913 a 17 de Fevereiro de 1920).

Período agitadoíssimo da França e do Mundo foi aquele, e, após a vitória, as dificuldades continuaram. Morreu em 15 de Outubro de 1934.

Na efémera presidência de Paul Deschanel fundou-se a Sociedade das Nações. Atacado por doença nervosa, demitiu-se em 20 de Setembro de 1920. Governara durante sete meses.

Assumiu a presidência Alexandre Millerand, socialista, que ainda vive. É senador. Tem 80 anos. Formou-se o bloco nacional e das esquerdas. Fez política autoritária, a-pesa das suas ideias, e viu-se na necessidade de pedir a demissão em 12 de Junho de 1924.

Gaston Doumergue foi um presidente querido dos franceses. O seu sorriso era celebrado, e, a-pesar-da grande crise económica e monetária, levou a cabo o seu mandato (13 de Junho de 1924 a 12 de Junho de 1931).

Realizaram-se muitas conferências internacionais e a acção socialista desenvolveu-se.

Assim que saíu do Eliseu foi refugiar-

-se em Tournefeuille, mas chamaram-no para organizar um ministério de concentração, tal era a sua influência. Não conseguiu manter-se mais do que uns escassos nove meses e regressou à sua propriedade, onde faleceu em 18 de Junho de 1937.

Coubera a presidência da República a Paul Doumer, que principiara a sua vida por aprendiz de gravador e conseguira ser professor de matemática, em virtude de um esforço enorme, marcado em toda a sua carreira política e social.

Candidato à presidência em 18 de Janeiro de 1906, obtivera 371 votos. Ocupara a cadeira de senador pela Córsega e subira à chefia do Estado em 13 de Junho de 1931. Foi assassinado em

6 de Maio de 1932 quando visitava a exposição do livro, Bondoso, tipo do francês político honesto, deixou saudades. No dia 10 de Maio de 1932 foi eleito Alberto Lebrun, engenheiro. Tinha que encarar a crise financeira e atender ao singular desenvolvimento do hitlerismo na Alemanha. Difícilmente se agüentavam os ministérios em França. Começava a propaganda comunista, e a fascista, como natural reacção. Criou-se a Frente Popular e acabou-se por ver que a França devia armar-se mais para resistir à Alemanha organizada. Intensificou-se a aliança franco-britânica e à visita dos soberanos ingleses a Paris corres-



Paul Doumer

pondeu-se com a viagem do presidente Lebrun a Londres. Assegurou-se a verdadeira e inalterável comunhão de ideias, de propósitos e auxílios entre os dois países, que tiveram de defrontar a marcha rápida das conquistas pacíficas e das anexações germânicas.

la deixar a presidência da República em hora grave para os destinos do seu país e numa das mais agitadas da Europa, pois não só a Alemanha mas a Itália combatem as aspirações francesas. Não saiu do mais alto lugar da República quando ela tem que se preparar para as enormes dificuldades a vencer. A França reelegueu-o.



Poincaré



Deschanel



Millerand



Gaston Doumergue

# O QUE A VIDA NOS ENSINA

SE forem injustos contigo, espera a tua vez.  
A justiça virá um dia, com o castigo dos maus juizes.

A vida é um conjunto de ruins paixões, onde o fiozinho de bondade que brilha, de quando em quando, é quasi sempre



como o veio de água que só existe na imaginação delirante do viandante a quem a sede queima.

Que pena ter-se perdido o maior ideal de Jesus — a fraternidade universal!

As casas não precisariam portas nem as almas cautela.

O instinto da conservação não é brincadeira nenhuma.

O suicida que tiver qualquer coisa à mão que lhe salve a vida não hesita.

A gente só se equilibra na vida, depois de muito trambulhão.

A alma mais nossa conhecida tem ainda recantos que se escondem de nós. Um



vezes, surpreende-vos com novas clari- dades; outras, com súbitas negruras.

“Aprender até morrer”, e não passamos nunca das primeiras letras da vida...

Dizemos sempre, quando uma espe- rança nos falha, que nunca mais abri- mos o nosso peito à ilusão.

Como se pudessemos viver de coração vazio!

Esperar é a nossa sina. E quantas ve- zes a morte misericordiosa nos liberta da espera vã!...

Não é ladrão só o que arromba um cofre ou uma gaveta. Mais infame é o que saqueia uma alma, roubando-lhe as ilusões.

Que de maldade e de hipocrisia se escondem por detrás dum sorriso insi- nuante!

Se os olhos fôsem realmente o espelho da alma, como querem os poetas, nós fugiríamos espavoridos de certos olhos que nos enleiam.

Quem tiver uma amizade sincera a querer-lhe, que a guarde bem, porque um amigo hoje é uma agulha perdida num palheiro.

Há quem não creia em Deus. Mas es- perem, que um dia virá em que hão-de senti-lo na sua vida. Ele nunca falha, quando chega a hora do prémio ou do castigo.

Roubar é mau, matar é pior. Mas nada ennegrece um carácter como a ingratidão.

Rouba-se por necessidade, mata-se num momento de despêro. Só não há atenuantes para o crime de voltar as costas a quem nos encheu de benefícios, quando a fortuna nos sorri ou a nossa situação melhora.

Não nos iludamos com o brilho de qualquer pedra falsa que às vezes cintila mais do que a verdadeira.

A mentira também imita a verdade.

Não há mentira que não se descubra um dia.

E o seu maior inimigo é o acaso, que acaba sempre por tirar-lhe a máscara.

O progresso é uma sementeira para ser colhida por outros que não lançaram a semente.

Já nós colhemos dos que vieram antes de nós e a progressão continua com esta fórmula: — Eu colhi o que tu semeaste, tu colherás o que eu semeio.

Temos um inimigo maior do que o oficial do nosso ofício: É aquele a quem beneficiámos, que nunca nos perdoará ter precisado de nós.

Ninguém é bastante leal para cumprir uma promessa feita a si próprio.

Que bom que seria dizer a verdade,

tôda a verdade! Mas ninguém tem a coragem de pôr em praça o seu pensa- mento.

Que espectáculo, se nos vissemos todos ao natural, sem a máscara da mentira e sem as roupagens da lisonja!

A independência do pensamento só seria válida, se quiséssemos ou pudéssemos dizer tudo o que sentimos.

Queixam-se da censura oficial. Mas censurados andamos nós sempre, por



conveniências e escrúpulos de tôda a espécie.

Se fôssemos todos a dizer a verdade, não havia empena que não cedesse, no edifício social. Seria por êsse mundo, uma derrocada tremenda.

A própria vida é uma mentira. Se pre- tendessemos limpá-la de tôdas as impu- rezas, ela esburacava-se como aquelas vasilhas já muito gastas, quando quere- mos tirar-lhe o depósito calcáreo que as segura.

Os olhos de certos cães fazem-me pen- sar em certas criaturas humanas que tra-



zem no olhar mágoas que ninguém en- tende.

O amor que, para uns, é uma religião é, para outros, um negócio.

As aparências enganam o mais esperto. Quantas vezes um patife suplanta, em simpatia, um homem de bem.

MERCEDES BLASCO.



Eça de Queiroz no jardim da sua residência em Neully

A ideia de criar uma *Revista* é, talvez, a ideia dominante — a ideia mestra — de toda a actividade literária de Eça de Queiroz.

Já em Coimbra seria um dos seus sonhos, visionando o futuro.

A volta de Antero agrupavam-se José e Alberto Sampaio, José Falcão, Germano Meireles, António de Azevedo Castelo Branco, Santos Valente, Anselmo de Andrade, Francisco Mariano, João Malhado de Faria e Maia, Alberto Teles de Utra Machado, Florindo Teles de Vasconcelos, Filomeno da Câmara, João Lobo de Moura, Guimarães Fonseca, Teófilo Braga, Fernando Rocha, Leite Monteiro, Abreu Gouveia, Rodrigo Veloso, Pinto Osório, Raimundo Capela, e tantos outros!

E Eça lamentaria sempre que não tivessem um órgão do pensamento comum — "o desforço da Consciência e da Liberdade."

N'A *Capital*, idealizando este movimento, supõe a existência do *Pensamento* e dos "seus redactores ardentes."

"... apenas o *Pensamento* ganhara crédito naquela geração, tinham-se precipitado para êle, como espíritos sufocados pelo anonimato para um respiradouro de publicidade, não só todos os amigos de Damião, que se nutriam de Michelet e de Quinet, mas também aqueles que ainda admiravam Pelletan, e até o grupo de Cesário, que num progresso revolucionário e científico, já devorava Proudhon, Comte, Littré, Stuart Mill e Spencer — sem contar os temperamentos puramente artistas, que tendo horror á abstracção filosófica e aos entusiasmos da Paixão, se retardavam na admiração de Hugo, de Musset, de Vigny e de Byron."

E segue:  
"A esta vaga associação de fanatismos chamavam, em Coimbra, os *Filósofos*, ou também os *Aleus*. Eles mesmos se denominavam o *Cenáculo*. E ainda que não havia sessões regularmente organizadas, quasi todas as noites se juntavam no largo quarto de Damião, na *Coração*."

E introduzindo o protogonista d'A *Capital* (que é êle próprio Eça, sob a designação necessária do romance):

"Artur sentia os olhos humedecerem-se-lhe de entusiasmo, quando pela primeira vez, na fumarada dos cigarros, onde os três bicos do candieiro de lação punham três luzinhas sedentárias, ouviu vozes fanáticas discutirem, em estilo de ode, a Arte, as Religiões, o Panteísmo, o Positivismo, a estupidéz dos lentos, o Sér, o

Ramayana, o Messianismo germânico, a Revolução de 89, Mozart e o Absoluto."  
Transportar aquela febricitação de ideias do Cenáculo para uma *Revista* — seria o primeiro pensamento determinado de Eça, que, na sua obscuridade, observava já então com maravilhosa sagacidade crítica e possuía um espírito de iniciativa e de organização bem raro.

Será fantasiar?  
É evidente que os pensamentos e actos do Artur da *Capital*, como os de João da Ega d'Os *Maias*, não podem entrar na biografia de Eça, mas deverão, não poucas vezes, ser tomados como elementos de reconstituição biográfica, no ponto de vista psicológico.

Artur, tendo, por morte do pai, como saldo de herança, quarenta e cinco libras em ouro, sente "uma esperança desordenada levantar-lhe a alma."

"... poderia viver dois anos em Coimbra; durante esse tempo, leccionando, fundando uma *Revista*, criando recursos regulares..."

A *Revista*, que Eça imaginava quanto tempo levaria a realizar! Mas não desistia...

Em data que não pode seguramente fixar-se, mas certamente anterior a 1870 (nos primeiros tempos do *Cenáculo*?) Eça fez a sua primeira tentativa infructuosa.

Dizia, em carta ao dr. Emídio Garcia, lente de Direito em Coimbra:

"Lembra-se de quantas vezes nós lhe falámos aí, eu e o Anselmo, num projecto um pouco fantástico dum *Revista*? Lembra-se que nesse tempo nos prometteu a sua coadjuvação? Pois, meu querido dr., chegou o momento de realizarmos essa vaga esperança literária."

"Anselmo e eu resolvemos, de uma maneira definitiva e séria, criar em Lisboa um jornal cheio das modernas tendências espirituais, na ordem política, na ordem literária, e na ordem social."

"Precisa-se disto, meu caro dr., neste triste país da pedrada, do apito, da cutilada e do grito. É necessário dar a mão a essas pobres ideias que andam junto da fronteira sem poderem passar, sem se atreverem a isso, aterrorizadas pelo aspecto brutal dos nossos *conciadãos*, receosos de serem esmagadas, apedrejadas e levadas ridiculamente para a estação municipal."

"Como pode ver pelo *prospecto*, o pensamento da criação da *Revista* é bom, um tanto audacioso, um tanto irrealizável, e que, por isso mesmo, precisa de grandes auxílios, de belas dedicações."

"Quere o meu caro dr. Garcia ser um desses auxiliares? Ninguém pode, com tanta ciência e com tão perfeito tacto, auxiliar a redacção dum jornal desta ordem. Contamos, pois, consigo."

"O *prospecto*, percebe para que é. É para que o meu bom amigo arranje por aí as assinaturas que puder. Coimbra, pela sua educação, deve ser uma das terras que mais deve ler a *Revista*; por isso contamos em que nos traga uma pequena

# NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIROZ

## As "Revistas" que sonhou, e a "Revista de Portugal", que realizou

legião de assinantes e de leitores: *legio vincetrix*. Os lentes da Universidade deveriam ler todos este jornal. Toda a mocidade, a primavera sagrada, como diziam os Romanos, deve acolher este jornal, não como um revelador, mas como um arquivo de ideias novamente reveladas.

"Emfim, o meu caro dr. Garcia fará, estou convencido, com esses *prospectinhos* na mão, uma tal colheita de assinaturas, que eu não lhe ofereço um abraço por cada uma, porque... não o quero sufocar."

Essa *Revista* não saiu; pena é que nem, ao menos, exista já hoje sequer o *prospecto* que a anunciava.

Numa carta de Oliveira Martins a Teófilo Braga, datada de 26 de Março de 1870 lê-se:

"Hoje lhe mando, com esta, o programa de um jornal, de que é editor o Fontana, e no qual escreve o Antero de Quental e eu... Além de Antero e de mim, temos na Redacção o Luciano; um humorista, o Eça de Queiroz; um poeta, Manuel de Arriaga; e um rapaz, pouco conhecido no mundo literário, mas de imensa valia — Batalha Reis, agrônomo."

Esse jornal foi a *República* — de que só saíram poucos números.

Antero de Quental, solicitando, por carta, a adesão de Teófilo ao seu plano de Conferências (as *Conferências Democráticas do Casino*) o primeiro nome que cita, de entre os seus colaboradores, é o de Eça de Queiroz.

Dias depois, em nova carta diz:  
"Talvez disto possa sair uma *Revista*, mas uma verdadeira *Revista*, como lá fora se fazem, e como é vergonha não ter ainda havido uma entre nós."

Será temerário supor que Eça fôsse o inspirador de Antero nesse *desideratum*? Sabe-se que foi êle quem tomou a iniciativa d'As *Farpas*, cujo 1.º número saiu em Maio de 1871.

Ao lançar, porém, essa publicação, estava longe do pensamento da *Revista* que ideara. As *Farpas*, de Eça de Queiroz e de Ramalho Ortigão são um panfleto de combate.

Há quem afirme que a intenção dos dois escritores não visava ao ataque das instituições? Pois basta ler os seguintes excertos duma carta de Eça de Queiroz ao doutor Emídio Garcia, para se desfazer o engano:

"Aí te remeto um *prospecto*. Já deves saber pelos jornais a indole e a feição desta publicação; de resto o título é o melhor programa. As *Farpas* são um panfleto revolucionário; é a ironia e o espírito ao serviço da justiça. São o folhetim da Revolução."

"Compreendes logo o alcance desta publicação; o seu aparecimento é além disso importante: coincide com o apare-

cimento do espírito revolucionário em Lisboa.

"Aqui, meu caro Garcia, conspira-se, há clubs, projectam-se jornais, há muita excitação e bastante vontade."

"Não penses que é um movimento isolado dalguns espíritos mais esclarecidos: é uma intenção quasi unânime, e que se apoia no pequeno comércio e na classe operária. Temos esperanças. Eu mesmo que te falei sou membro da Internacional..."

"Trata, pois, de espalhar por aí, tanto quanto puderes, As *Farpas*, que são a vanguarda e as primeiras sentinelas de descoberta do movimento revolucionário..."

É certo que não devem tomar-se ao trágico estas intenções de conspirador político e social: o que a Eça interessava e interessou toda a vida foram as ideias e os movimentos de ideias, mas não se queira à *outrance*, reduzi-lo a um simples ironista, céptico de todos os ideais...

Veja-se a passagem duma carta a Ramalho, datada de Montreal, a 20 de Julho de 1873; a elle reflecte no seu humorismo, a sincera fé com que anos antes havia abraçado a causa da emancipação proletária:

"Saí, pois, de New-York, e fui aos centros operários da Pensilvânia. Não imagine preocupações sociais — não: os nervos misteriosos que vibravam constantemente em mim com um rebate tão revolucionário, adormeceram. Os pesados dias de Cuba, os Americanos, Três mil léguas de mar, New-York — tudo isto se tem combinado para acalmar, sossegar o meu temperamento de conspirador! Vejo capitalistas sem empalidecer — e cheguei a poder examinar uma serra ou um martelete sem sentir a necessidade de exalar um hino! Vem isto a dizer-lhe que fui ao centro fabril da Pensilvânia, não para examinar o operário, mas justamente para visitar um capitalista. Oculte este ponto ao sanguinário Batalha!"

Será este — Jaime Batalha Reis — fraternal amigo, que tão intimamente com êle convivera desde 1867 a 1872, quem realizara, com Antero e Oliveira Martins, a *Revista* que Eça sonhava?

A *Revista Occidental*, sai em Fevereiro de 1875, e logo no seu 1.º n.º começa a publicar-se *O Crime do Padre Amaro*.

Mas, ausente Eça de Queiroz, não foi pela orientação dêste que a *Revista* se portou.

Passam-se anos...  
No 2.º volume d'Os *Maias* encontramos, sob a ficção do romance, a persistente ideia, de que nunca se separara.

É quando o velho Afonso regressa do Norte, do seu plácido retiro de Santa Olívia, e lhes pergunta, ao seu neto Carlos e ao Ega: — Que tens tu feito? Que têm vocês feito?

"— Mil coisas! acudiu Ega, alegre-

mente. Temos sobretudo o projecto duma *Revista*, um aparelho de educação superior, que vamos montar com uma força de mil cavalos!... Emfim, logo se lhe conta tudo ao almôço.

"E ao almôço, com efeito, para justificarem as suas occupações em Lisboa, falaram da *Revista*, como se ela já estivesse organizada e os artigos a imprimir na officina — tanta foi a precisão com que lhe descreveram as tendências, a feição crítica, as linhas de pensamento sobre que ela devia rolar... Ega já preparara um trabalho para o primeiro número — *A Capital dos portugueses*. Carlos meditava uma série de *ensaios* à inglesa sob este título — *Porque falhou entre nós o sistema constitucional*. E Afonso escutava, encantado com aquelas belas ambições de luta, querendo partilhar da grande obra como sócio capitalista..."

O humorismo afoega o delineamento sério da empresa, mas a página estremece de alado sonho:

"Toda a manhã, no escritório de Afonso, azafamados, com papel e lápis, se occuparam em fixar uma lista de colaboradores. Mas já as dificuldades surgiam. Quasi todos os escritores superidos desgraçadamente ao Ega, por lhes faltar ao estilo aquele requinte plástico e parnasiano, de que êle desejava que a *Revista* fôsse o impecável modelo. E a Carlos alguns homens de letras pareciam *impossíveis* — sem querer confessar que neles lhe repugnava exclusivamente a falta de linha e o facto mal feito..."

"Uma coisa porém ficou decidida: a casa da redacção. Devia ser mobilada luoosamente, com sofás do consultório do Carlos e algum *tric-à-brac* do *Toca*: e sobre a porta (ornada dum guarda portão de librê) a tableta de verniz preto, com *Revista de Portugal* em altas letras a ouro..."

Os *Maias* apareceram em Junho de 1888.

E já por esse tempo Eça está absorvido na ingente tarefa — fazer sair á luz a sua *Revista* — que se chamará precisamente — *Revista de Portugal*!

Vê-se da sua carta de 8 de Agosto de 1888, a Mariano Pina, que o empreendimento já tinha sido muito tratado pelos dois:

"Se Você por acaso concordasse em aceitar a proposta Chardron — comece logo a escrever um *prospecto* para a *Revista* e mande-me esse rascunho, para que, fundindo-o com o meu, eu consiga fixar um bom programa, viável, sério e práctico."

Eça está ainda em Inglaterra, mas daqui a 20 dias será transferido de Bristol para Paris, onde poderá encontrar-se todos os dias com Mariano.

Oliveira Martins havia sido vítima duma cabala, que o havia desappareado da direcção do *Reporter*, e Eça escreve-lhe de Paris, a 22 de Outubro:

"Logo que soube da tua saída do *Reporter*, pensei em te escrever, dizendo que tinhas á tua ordem, para tudo, e como coisa tua — a *Revista* — essa *Re-*



Eça de Queiroz quando consul de Portugal em Newcastle

vista por que tens mostrado tanto ceticismo! Depois, reflecti que tu mesmo deverias ter pensado que, desde que eu tinha um jornal — linhas tu também um jornal, e que a oferta era, pois, uma muito desnecessária cerimónia.

"O tempo, porém chegou de dizeres, com a possível precisão, o que queres fazer na *Revista* — ou de dizeres que não queres fazer nada. Quando digo *nada*, excluo, está claro, critica, história e literatura — porque nisso, queiras ou não queiras, pela amizade ou pela violência, com carícias ou a ferros, hei-de extrair prosa de ti. Dizendo *nada*, referia-me á *política*. Em politica, a *Revista* tem duas secções: uma revista politica do mês, e a famosa *Leert pour l'étranger*. Quereste espojar nalguma destas secções? Queres inventar uma secção? Queres simplesmente um número de páginas reservado — onde te espolinhes? Ordena."

"Como proveito, a *Revista* não convivia excessivamente. Em todo o caso eu calculei que (para a nossa panelinha, Antero, Ramalho, etc.), a página deveria ser paga a 2850 — tipo grosso. Todo o mundo me diz que é decente."

"Como influencia — não sei o que a *Revista* alcançará. Talvez zero. Talvez uma certa autoridade no Café Martinho. Talvez verdadeiro predomínio em Avintes! E quem sabe? Que ela tinha 10.000 leitores, e será talvez uma Força. Dependendo de isso dos romances que publicar."

"Em todo o caso, como convivência, não has-de estar mal na *Revista*. Hei-de procurar que estejamos sempre em *bonne compagnie*. O papel, pelo menos, há-de ser bom, e conto que seja bem feita a policia do estilo."

Reconhece-se, por alguns traços, a fisionomia da *Revista* de João da Ega e Carlos da Maia!

Mas Eça sente Oliveira Martins frio, todo ouriçado das gélidas decepções da politica... E continua:

"Nada disto te seduz?  
"Os editores sentem-se entusiasmados."



Eça de Queiroz no seu gabinete de trabalho

Eu começo a crêr que o papelucho pode ter futuro. E, seja como fôr, os nomes dos amigos vou-os eu estampando no *Prospecto* — o teu à frente.

“Em Santo Antêro não me fio; mas, pelo menos, o Prólogo da *Revista*, o introito solene, há-de-se-lhe arrancar.”

Fôra Antêro de Quental quem escrevera a *Abertura*, o *Prospecto da Revista Ocidental*: desta vez porém Eça não alcançará o mesmo para a *Revista de Portugal*...

Termina a carta:

“Quero fazer, para o segundo número, um estudo sôbre ti — como homem, companheiro íntimo. Hás-de tirar para isso um retrato. Já vês que começo a ter qualidades de Director — entre outras, a *cabotinage*.”

Resalta o grande entusiasmo de Queiroz!

Ao conde de Ficalho dizia, em carta de 26 de Outubro:

“Esta *considerável e formidável publicação*, de que vou ser o Buloz, é uma aventura da casa Chardron, do Pôrto. São êles (Lugan & Genelioux) os editores da *Revista*, e eu o encarregado de formar mensalmente o número, em tão plena liberdade como se eu próprio o escrevesse. De sorte, que verdadeiramente, a *Revista* é a minha obra — e é grande desejo meu que nela participem todos os meus amigos. Qualquer outro escritor que fundasse uma *Revista* teria de lhe pedir a Você a sua colaboração. Mas eu peço alguma coisa mais íntima — peço a sua permanente convivência na *Revista*, a sua fraternisação neste passe de armas literário, a sua constante presença a êste grande jantar mensal *in spiritu*.”

Era uma inovação oportuna à solidariedade dos *Vencidos da Vida*...

E informa:

“A *Revista* é mensal; tem 130 a 160 páginas; papel superior, grandes requintes tipográficos; há 10 a 11 secções em cada número, romance, crítica, história, literatura, Arte, política, viagens, ciência, etc. A disposição das secções é original. Há sempre um artigo *à sensation*, um *clou*. Há um artigo em francês, dando o resumo do movimento geral de Portugal durante o mês — em tudo, desde as leis até aos *chás*. Há mesmo uma secção chamada *O Luxo e a Mola!* Tais são as feições da coisa em globo.”

E no convite a Luiz de Magalhães precisa ainda mais organização da empreza:

“A história desta aventura é longa. Mas acha-se actualmente neste estado: Lugan & Genelioux editam uma *Revista*, que em todos os meses lhes apresento em manuscrito. Nesta combinação, de feito inglês, eu sou portanto aquele que os ingleses chamam *Editor*, e nós, á falta doutra palavra, *Director*. Sou eu o res-

pensável da colaboração e o seu organizador; sou eu que reúno os artigos, todos os meses, os disponho, os enfeixo, formo o volume e entrego êsse volume manuscrito a Genelioux, que m'o paga *por tanto*. Todo o resto é com Genelioux, que imprime o volume, o anuncia, o vende, etc. Tal é a nossa combinação, em resumo — que é a usual combinação inglesa para as *Revistas*. E aí está como Você me vê transformado num Buloz!”

E a Bernardo Pindela dizia:

“O meu fim, entrando nesta aventura, é fazer com que exista nesse maldado Reino, uma publicação, cujo papel não seja pardo, e cuja tinta não seja de graxa, e onde todos os meses alguns espíritos cultos se reúnam, trazendo uma ideia, uma noção, uma fantasia, uma frase, qualquer cousa com que mutuamente se interessem e interessem o público.”

E como conhecia bem o enternecido e nobre coração do seu amigo — marcava-lhe lugar bem junto do seu:

“Sòmente, tu és dos íntimos do dono da casa, dos que penetram até á cozinha, e portanto tens pela casa uma outra dedicação, e fazes nela uma outra convivência do que os conhecidos de cerimónia que não passam do salão, onde peroram.”

E ao conde de Sabugosa é assim que esclarece:

“Pretendo, entre outros fins, reunir nessa *Revista*, além de colaboradores especiais, um grupo de amigos e dedicados, daqueles com quem é um prazer, além de colaborar — jantar!”

“Quere Você, meu caro Sabugosa, ser desta panelinha de alta literatura? Os deveres que se lhe impõem são ligeiros: — um fino e burilado artigo, de vez em quando; alguma graciosa estrofe, aqui e além; muita amizade pela *Revista* e alguma pelo seu director. Por seu turno, a *Revista*, essa, imprime o artigo e a estrofe no melhor tipo que a Inglaterra funde, sôbre o melhor papel que a Alemanha fabrica; e respeitosamente resvala na mão do autor um punhado de oiro! *Voilà!*!”

Mas é a Camilo Castelo Branco, rogando-lhe o autorise “a pôr o seu nome, á frente e no melhor lugar, entre os dos seus redactores,” que, em carta de 18 de novembro, melhor define o seu pensamento:

“Escrevo a V. Ex.<sup>ª</sup> em favor duma

tentativa que se vai fazer, para criar entre nós uma grande e séria publicação mensal, uma *Revista*, onde sejam representadas dum modo mais completo, firme e metódico do que até agora se tem realizado, as feições diversas do nosso movimento intelectual. Acima dos partidos, das escolas, dos currículos, de tudo quanto é limitado e transitório, a *Revista de Portugal* pretende ser a expressão fiel da nossa actividade na criação literária, na invenção artística, na investigação histórica, na observação científica, na análise crítica, em tudo quanto é do domínio do Espírito, ou imaginando ou estudando. Para isto, a *Revista de Portugal* aspira a reunir na sua colaboração todos aqueles que entre nós superiormente valem pela vastidão da cultura geral, pela especialidade do saber, ou pelas altas faculdades criadoras.”

Assim, Eça de Queiroz, ao fundar a sua *Revista*, procurava fazer dela, não o órgão dum grupo, não o instrumento de quaisquer interesses especiais ou particularistas — de escola, de partido ou sindicato — mas um nobre e superior agente de elevação espiritual, demonstração suprema da vitalidade nacional, manifestação integral da Sociedade Portuguesa perante o Mundo. Seria de facto — a *Revista de Portugal*.

Neste ponto de vista, tão alto, tão largo, tão compreensivo, ele não teve antecedentes, nem — ai de nós! — teve consequentes.

A um esforço de tal grandeza, a um desígnio de tal envergadura, só poderia presidir uma personalidade como a de Eça de Queiroz, que é o português de mais penetrante e vibrante inteligência do seu tempo, e dotado, simultaneamente, da mais aliciente sociabilidade, dêsse maravilhoso poder de simpatia, activa, irradiante — que é uma força incomparável, não só de coesão afectiva, mas de disciplina moral.

Nesta altura da sua vida, se quisermos definir o seu espírito, um dos maiores atributos que teremos de reconhecer-lhe é o da visão benévola, serena e filosófica, que sinteticamente se chama — tolerância.

Mas tolerância não quiere dizer abdicção das idéas, dos princípios próprios, e até a permanência destes é que tornam mais singularmente bela a atitude daqueles homens que conseguem elevar-se deles a uma compreensão total, pacificadora, harmónica, da existência: na côr branca entram sete côres complementares...

Para ser tolerante, Eça não precisava de sugerir ou esquecer ideais, que seguiu sempre...

Recorde-se a passagem duma carta sua a Oliveira Martins, a quem Mariano de Carvalho acabava de infligir um torturante vexame político.

“E vê tu, querido Joaquim Pedro, as vantagens da Democracia, que tanto escarneces. Há cem anos, dado o mesmo Mariano, com o mesmo objectivo, estavas a esta hora no fundo duma masmorra. Assim, estás regalado, ao canto do lume, — e com a voz cada vez mais forte. A Democracia, portanto, *a du bon*.”

Que ironia, de tolerante, de aliciente ensino!

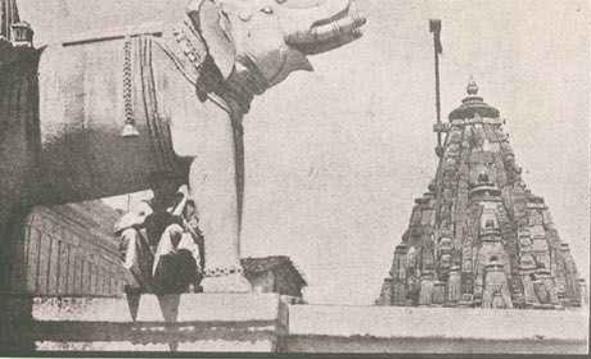
LOPES D'OLIVEIRA.

# FESTEJANDO A VITORIA DE ESPANHA



*Em cima: Um grupo de espanhóis manifestando-se em frente da Embaixada do seu país. - À esquerda: Um dos cartazes conduzidos pelos manifestantes. - Ao centro: O embaixador de Espanha falando ao microfone. Em baixo: Um aspecto da imponente manifestação em frente da Embaixada de Espanha em Lisboa*





Templo de Jagannath, em Udaipur

do parlamento britânico.

Duas vezes ao dia, pela manhã cedo e ao pôr do sol, são as horas da oração.

Ao pôr do sol esta cerimônia religiosa

toma uma feição pública, porque reúne toda a família, serviçais e gente da aldeia e ainda alguma visita, que o tenha procurado.

A carne não entra na sua alimentação e raras vezes lhe servem comidas cozinhadas.

Em geral o seu menù consta de uma tigela de leite de cabra, lâmaras, nozes, uma colher de mel, alho, salada de hortaliça migada, laranjas, ananazes e pãescos.

Trabalha incessantemente, recebendo gente e consultando os seus subordinados. Onde quer que ele se encontre, dizem os que o seguem, é a capital da Índia hindu. Quando entre ele e algum visitante se troca alguma conversa importante, esta é reduzida à escrita pelo secretário para ser mais tarde publicada pelo seu jornal *Harijanu*. Corresponde-se a miúdo com correspondentes que vivem espalhados por todo o mundo.

O seu descanso dá-se no banho, onde se demora todas as noites, em água muito quente, depois de concluído o trabalho, durante 40 minutos, que aproveita em qualquer leitura. A segunda feira é o seu dia de silêncio, que o assunto mais urgente não pode interromper.

O seu trabalho principal hoje concentra-se nos habitantes da aldeia, quando não tenha reunião de alguma comissão do Congresso.

Tem um programa que consta de cinco pontos principais e que tem por fim levantar o nível moral da sua aldeia; promover e desenvolver a indústria caseira da tecelagem;

atributos indústrias para a cerimônia do casamento



Atributos indústrias para a cerimônia do casamento

## IDOLOS DOS POVOS

# A VIDA DE GANDHI — O SEMI-DEUS INDIANO

aproveitar na escola a vocação de cada estudante; melhorar o sistema sanitário; trazer para a Comunidade os sem-casta; e, mais do que tudo, estimular as indústrias da aldeia.

Gandhi tem pouca necessidade de dinheiro para os seus gastos pessoais e as despesas da casa também não constituem problema difícil de solucionar, porque o pouco de que necessita é-lhe fornecido pela caridade pública.

*Bapu* que significa pai, na língua do país é o termo por que gosta de ser tratado pelos seus íntimos; o termo "Mahatma", nunca foi muito do seu agrado.

A prática repetida do jejum tem-no treinado para emmagrecer ou engordar, conforme é exercida a sua força de vontade.

De uma vez emmagreceu até pesar 48 quilos e meio calculando que se alimentava com 400 calorias por dia; o médico recomendou-lhe que aumentasse a alimentação a fim de aumentar de peso até 52 quilos, mas Gandhi afirmou-lhe que podia aumentar de peso, só pelo exercício da sua vontade, sem aumentar a alimentação, e efectivamente ao fim de uma semana tinha conseguido o seu desideratum.

Se durante o dia quer descansar avisa as pessoas de sua casa que vai dormir durante vinte e cinco minutos e efectivamente consegue dormir o tempo indicado com antecedência. São enternecedoras as suas atenções para com Kasturbaí sua esposa; esta é baixa, nutrida e alegre e o esposo sofre da vida errante a que lhe 50 anos a obriga.

A diferença que intelectualmente existe entre os dois é enorme, mas Gandhi reconhece na esposa a enorme virtude de nunca o ter desamparado na luta.

Os Gandhis têm quatro filhos e vários netos; na sua autobiografia censura-se a si próprio por não ter provido os filhos de uma mais vasta educação. Dois dos filhos são jornalistas distintos.

A extrema simplicidade de Gandhi vai muitas vezes a um excesso cómico. Conta-se que de uma vez, um viajante inglês, chamou por ele numa estação ferroviária, tomando-o por um carregador e Gandhi com toda a simplicidade segurou nas bagagens do inglês e levou-as para a carruagem.

O seu trato é cheio de encanto e adora a sociedade de senhoras.

É um santo que ri e que gosta de rir. É um santo com imenso tacto na vida; maneiras encantadoras e atenciosas e querendo, quando seja necessário, pode revestir-se da maior austeridade e usar até de brutalidade.

Conta-se que um seu filho de dez anos de idade, Manilal de nome, caiu doente com febre em consequência de uma pneumonia seguida de febre tifóide.

O médico recomendou que dessem à

criança caldos de galinha e ovos frescos mas Gandhi, cujos princípios o impedem de fazer sofrer a morte dos animais, recusou-se a seguir as indicações do médico e a criança piorava. Gandhi relata a este respeito na sua citada auto-biografia: "Começava a assustar-me com a doença de meu filho. Que diria e pensaria o mundo a meu respeito?"

"Com que direito podem os pais impor aos filhos maneiras próprias?"

"Este pensamento perseguia-me constantemente mas outro pensamento surgia que se opunha àquele."

"Certamente Deus aprova que eu aplique a um filho aquele mesmo tratamento, que aplico a mim próprio. O médico não podia garantir a vida do meu filho; essa vida está presa por um fio nas mãos do Criador."

Por fim a febre do doente diminuiu e este recuperou a saúde mas o que lhe dá mais importante neste facto é que a sua honra e a sua fé eram para o Mahatma, mais importantes do que a vida do filho.

Conhece a Índia profundamente; já a percorreu toda em terceiras classes dos comboios e principalmente a pé. O que Gandhi mais aprecia na vida são as crianças, o ar puro, o riso, os amigos e a verdade e o que mais odeia é a mentira. Ninguém se atreve a mentir-lhe e parece que o Mahatma possui especiais dotes supernaturais que repelem a mentira e impõem a verdade em quem se lhe dirija.

A sua própria sinceridade e o seu amor da verdade são tão grandes que impõem iguais qualidades nos outros.

A sua grande integridade espiritual por um lado e a sua alta situação na política, são os dois elementos que constituem a mais importante personalidade de Gandhi.

O ódio não existe no seu coração e quando tenha pactuado com inimigos passa a cooperar com eles com o mesmo ardor, com que contra eles lutou.

Se abandonou o Congresso Indiano em 1934 foi para que pudesse ser mais integralmente honesto e mais neutral.

Pretendia assim assumir uma situação de maior imparcialidade, não só na decisão de entendimentos entre facções do Congresso, mas também entre este e o governo britânico.

A sua atitude para com a religião não é fácil de definir. Exerce virtudes que são a essência do cristianismo tais como: pagar o mal com o bem; a convicção de que só se pode obter a justiça praticando esta com os nossos inimigos; a sua recomendação de que devemos odiar o pecado mas não o pecador e outras virtudes também igualmente muito cristãs.

É talvez o homem que tenha surgido na esfera da política que mais de perto

Gandhi

se assemelhe a Jesus Cristo e no entanto não se diz cristão. Os seus próprios amigos íntimos ignoram a que deus ele se dirige nas suas orações.

Talvez estas suas palavras elucidem um pouco sobre o que é a sua atitude religiosa: "Bem me apercebo de que tudo em volta de mim evolue e desaparece, e que sob essa evolução e morte há um Poder vivo que não evolue e não desaparece, que tudo domina, cria e dissolve e de novo torna a criar. Esse Poder que cria é Deus... Vejo-o cheio de benevolência porque vejo que a vida persiste após a morte; no meio da falsidade, a verdade persiste; no meio das trevas persiste a luz. Concluo portanto que Deus é a vida, a verdade e a luz. É Ele amor; é Ele o Deus Supremo..."

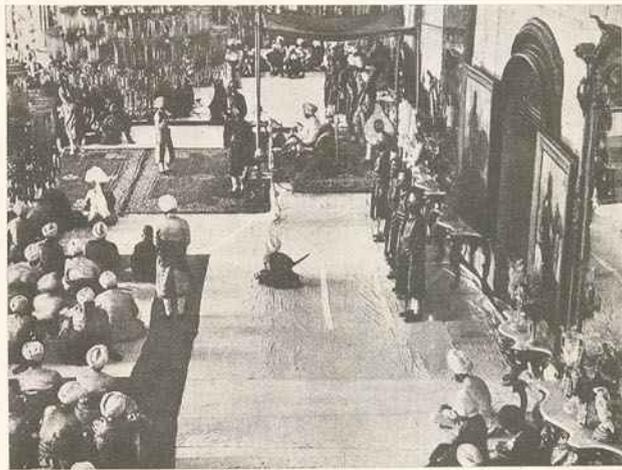
O Mahatma é um hindu devoto, mas crê nas Escrituras de todas as grandes religiões; todas elas representam igualmente a palavra de Deus: Bíblia, Talmud, Zend-Avesta, Evangelhos, Alcorão e os canones do Budismo. Na actualidade Gandhi é uma força poderosa e definitiva a favor da moderação no campo da política indiana; é um baluarte contra o extremismo.

"A minha vaidade—confessa—em raros momentos me deu a convicção de que

era minha "missão" salvar a Índia do perigo Britânico; para o Império Britânico a minha morte será uma catástrofe porque a minha morte há-de trazer para a arena forças postas à solta, todas tendentes a fortalecer o nacionalismo indiano."

A sua vida foi a de um revolucionário santo; introduziu a religião na política e a política na religião e investiu no povo indiano um espírito de confiança em si próprio e de orgulho que nunca antes conhecera. Deus, seja ele qual for, será benévolo para com ele no dia em que Gandhi desaparecer.

ADOLFO BENARÚS.



Imponência dum cortejo de marajá indiano



O rei Zogu da Albânia

**A**GORA que a Albânia faz parte da Itália, e Victor Manuel III é o seu rei, vem a propósito evocar o passado desse povo tão pequeno quanto heroico.

O orgulho dos albaneses é tradicional e indomável.

Desde os primeiros tempos que a História regista, os albaneses marcam a sua posição no Mundo. Arrogam-se a honra de formar os impérios do Epiro, da Ilíria e da Macedónia, onde se geraram heróis lendários como Alexandre Magno e Pirro.

Altivos e destemidos, os albaneses intitulavam-se "Shqiptares", isto é, "filhos das águas", e a sua ascendência entronca num ramo tracio-ilírico da vasta família indo-ariana. Segundo os mais abalizados historiadores, vieram fixar-se no actual território ainda antes da invasão helénica.

Combatendo-se uns aos outros em guer-

ras civis, baixavam bandeiras sempre que a integridade do país era ameaçada.

Assim se conservaram até que, 168 anos antes de Cristo, caíram sob a garra do império romano. No entanto, sempre orgulhosos e insubmissos, refugiaram-se nas montanhas e guardaram intacta a sua individualidade.

Rebatem no país todas as lutas que se desencaixaram na península balcânica e no próximo Oriente. A Albânia passou assim do domínio bizantino para o dos sérvios e búlgaros. Guerras religiosas assolaram o território. Nos 2.º e 3.º séculos da nossa era, depois de normandos e angerinos ocuparem o país, fica ele sob a influência de Veneza e os montanhesez daquele recanto do Adriático vêm passar as Cruzadas.

A Albânia foi desde então um dos baluartes avançados da Cristandade contra os turcos. Ainda hoje, nos palácios, monumentos, e até nas casas mais humildes, cristãs ou muçulmanas, guardam-se com devoção imagens de Jorge Castriota, senhor de Kruja — chamado *Skenderbeg*, Príncipe Alexandre — que, embora chefando forças numericamente inferiores, se bateu incansavelmente em defesa da Cruz contra o Crescente. *Skenderbeg*, morto em 1467, é o herói nacional.

O povo, na sua maioria, aderiu depois ao Islamismo, quer sob o látego de perseguições religiosas, quer para aproveitar vantagens económicas.

Como sempre, porém, os albaneses não dobravam a cerviz. Sob o jugo turco, um núcleo rebelde e irredentista foi lentamente aglomerando e polarizando as resistências patrióticas daquele povo indomável de montanhesez.

Em 1878, forma-se a *Liga de Prínzrend*, que manifesta a vontade nacional protestando contra o Tratado de Berlim e a cessão do território albanês à Turquia, e reivindicando a independência.

Após a guerra balcânica, quando os otomanos são definitivamente expulsos da península, o Congresso reunido em Vailona, a 28 de Novembro de 1912, realiza,

## ANTE A OCUPAÇÃO DA ALBÂNIA PELA ITÁLIA

### O ORGULHO E A BRAVURA DO POVO ALBANÊS

após séculos de opressão, o voto popular e proclama a independência — acto em consequência do qual se constitui o primeiro governo nacional sob a presidência de Ismail Kemal Bey Vlora — que é reconhecido pela Conferência dos Embaixadores reunida em Londres, em 17 de Dezembro daquele mesmo ano.

Não havia cessado ainda o domínio estrangeiro no país albanês. Aquela Conferência cedia uma grande parte do território, com cerca de um milhão de habitantes, ao Montenegro, à Sérvia e à Grécia. Entretanto, a excepcional posição da Albânia sobre o Adriático continuava aguçando as ambições de certas chancelarias.

Nos fins de 1913 a coroa do novo Estado foi oferecida pela Conferência de Londres ao príncipe Guilherme de Wied, com o fim — diziam as chancelarias interessadas — de "se esclarecer a situação". O príncipe alemão aceitava a investidura a 6 de Fevereiro de 1914 e subia ao trono a 7 de Março seguinte, com o nome de Guilherme I, Príncipe da Albânia. É ainda ele que figura nas listas heráldicas do Almageo Gotha como chefe da Casa Real da Albânia, mencionando-se seus dois

filhos, uma filha nascida em 1909 e um filho chamado Carlos Vitor, nascido em Potsdam em 1913.

Não soube, porém, o príncipe segurar o trono e reger o Estado, antes deu aso a que efervescessem os dissídios políticos, com o que lucraram as intrigas estrangeiras. Uma insurreição popular, comandada por Essá-Pachá Totani, Ministro da Guerra, estalou no país. Mas rebentava entretanto a conflagração da Grande Guerra, e o príncipe, privado dos apoios que o patrocinavam, teve de abandonar o país a 3 de Setembro de 1914.

A Albânia, durante o conflito, foi ocupada pelos sérvios, à excepção de Durazzo, onde Essá-Pachá institue uma ditadura chamada da Albânia Central. Em 1916, os sérvios, acudados, embarcam com o seu Rei Pedro e Essá-Pachá, em Durazzo, e a Albânia é ocupada pelos búlgaros, ao norte, enquanto os italianos o fazem ao sul e os franceses as regiões de Korça.

Quando se assinou o armistício, foram, porém os italianos que ocuparam a maior parte do país, mantendo-se os franceses em Korça e uma guarnição inter-alida em Scutari até Junho de 1920.

Na Conferência de Versalhes nem se

quer se falou na Albânia, que também não aparece, sequer, aludida no Tratado de Versalhes.

Todavia, era de esperar que a situação da Albânia, ia reviver antigas páginas. Nos princípios de 1920, um joven e ardente político, Ahmed Zogu, convoca em Lushnja um congresso nacional, que decide defender a integridade da nação, forçar uma decisão das potências, criando uma regência com quatro membros, cuja presidência foi dada a Delvina, assumindo Zogu a pasta do Interior.

Os 25 anos de Zogu dominavam o novo estado de coisas com tal prudência e habilidosa energia que conseguiu que todas as tropas estrangeiras abandonassem o território, formar um corpo de gendarmaria, instaurar uma administração civil regular e convocar um parlamento. Segue-se o reconhecimento das potências. Longo seria reproduzir todas as mutações políticas que agitaram o novo Estado, por vezes, como em Março de 1922, tão violentamente, que o Governo, como agora, se refugiou em Elbassan. Através de todas elas Zogu consegue sobrenadar, como aguardando a sua hora, que finalmente chega em Dezembro daquele ano, quando assume a chefia do Governo.

Não o demovem o atentado que em plena sessão do Parlamento foi vibrado contra ele, em Fevereiro de 1924, nem a grave revolução que se desencadeia quatro anos depois, obrigando-o a afastar-se. Mas não desarma. Bate-se com um corpo de voluntários contra os partidos extremistas, reentra em Tirana, forma um Governo constitucional e a 31 de Janeiro de 1925 a Assembleia Nacional, ao proclamar a República, elege-o seu Presidente.

Zogu restabelece a confiança. Ao abrigo da decisão da S. D. N., que em 1923 confiava à Itália a assistência financeira à Albânia, Zogu contrai um empréstimo de 50 milhões de francos-ouro com um grupo financeiro italiano, que vem constituir em Tirana o Banco Nacional da Albânia.



O rei Zogu e a rainha Geraldina

Percebendo que podia ter na Itália fascista a desejada protecção para a integridade do Estado albanês, celebra com ela, depois, uma aliança política, sob a forma de um pacto de amizade e assistência mútua, a qual é solenemente consagrada no tratado de Tirana, em 1928.

Durara três anos a Presidência de Zogu. A 1 de Setembro daquele ano, escoltoado por oficiais e um esquadrão de cavalaria, Zogu dirige-se à Assembleia Nacional, que o escolhe para Rei, instaurando a Monarquia. Prestava juramento sob o nome de Zogu I, como tal reconhecido pelas potências, entre as quais a Itália, que singularmente se destacou nas suas expressões de saudação.

Bons cálculos fazia o rei Zogu! Nada conseguindo, contentou-se em casar com a condessa Geraldina Apponyi em 27 de Abril do ano passado... E o mais curioso é que a Itália aplaudiu esta união... visto não ser com princesa italiana...



Uma rua típica de Tirana



Banjalini

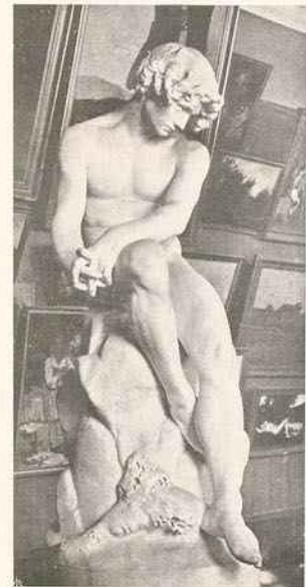


Albaneses com os seus trajes característicos



Soares dos Reis — litografia de Columbano

O modelo do *Desterrado*, servia para o desbaste do mármore, que dois preparadores habilidosos haviam pontado até àquela altura em que a obra passa às mãos do artista para lhe definir feições e imprimir tôdas as expressões da forma e da espiritualidade. Rápidamente apontados pelo Mestre, existem uns *croquis* que documentam aquele trabalho. Soares dos Reis agora, sozinho como gostava, comprazia-se na peleja encetada contra as rebel-



Um aspecto da escultura «Desterrado» de Soares dos Reis

dias da matéria e no encanto do desflo-ramento dos segredos da própria alma, que fazia transmudarem-se para a obra. Ciciando uma canção antiga dos napolitanos, o Artista, conforme ia descobrindo novidades de pormenores, ia rezando aqueles sermões do Padre Vieira, descritivos da aparição do homem ou do santo no bloco informe da pedra bruta.

A imagem do seu génio, confissão dos seus estados de alma e retratação formosa da saúde que da sua terra sofria, estava quasi concluída. Um ou outro toque ficariam para mais tarde, porque de resto tôda a obra de arte na sociedade dos artistas, fica sempre incompleta, aquem do seu desejo de perfeição, que os torna insaciáveis e muitas vezes descontentes. Soares dos Reis foi um desses doentes de mais além, e contam os seus amigos dos projectos que tinha para retocar, as obras passadas, que dera por concluídas à força.

Lutava agora com as incoerências da saúde da sua Patria e com os desejos de se deixar ficar por Roma, que tanto adorava; mas a pensão estava no fim, a fortuna era minguada e os deveres contraídos obrigavam-no a regressar à terra. Para mais, as cartas da familia iludiam-no com chamamentos e promessas. Pouco tempo lhe sobrava do prazo estipulado para estudos e poucas liras a sua escarcela de economias possuía. Aproveitou estas duas coisas o melhor que pôde, despediu-se dos arredores de Roma, por onde andara desenhando velhas ruínas e accidentes da Natureza, como as quedas do Tibre e arvoredos de Tivoli ou Frascati, correu mais uns sítios de deslumbramento, fez mais desenhos aqui ou ali, e ei-lo a despedir-se de Itália, de fugida, apontando nos alburns ruelas de Florença e barcos de Veneza, fechando por fim as malas e voltando para Portugal.

Depositado o gesso original da sua prova final de curso, em Santo António dos Portuguezes, chamou o rapaz que lhe servia de modelo, moldou-lhe umas partes do corpo para presumíveis apuros ou retoques futuros, visto no espirito lhe quedarem pequenos descontentamentos, e sófrego de novas emoções, poz pés ao caminho, mas ainda escolhendo terras de museus onde pudesse esgotar a saciedade de descobrimentos, ia dirigir-se a Paris, onde passara os primeiros anos de luta, e onde também colhera os primeiros triunfos. Voltar a vêr os amigos, os museus, os recantos de alegria!...

O *Desterrado*, seria depois enviado directamente à Academia do Porto. Mas as prisões eram grandes e maiores seriam os remorsos se deixasse buraco sem despedida. Em Nápoles, calcurriou os lugares mortos de Pompeia e de Poes-teum, que arquivou nas páginas do album, assim como uma impressão do Vesúvio em erupção; depois atravessou a baía e foi visitar Sorrento, croquisar vistas de Amalfi e de Capri, chegando nesta ilha a tomar minudencias de apontamentos, como as duma rocha e duma onda, que lhe serviram ainda para cinzelados finais do *Desterrado*. Pousão e Silva Porto também por lá andaram em seguida, e lindas são as tabuinhas que o

## Breves apontamentos

### A suave melancolia que lhe

primeiro ali pintou e as telas sossegadas do segundo. Vinte anos que lá estivessem todos, não esgotariam as surpresas daquelas passionantes terras. O sul de Itália é um museu e uma academia de arte. Se o seu pitoresco e as suas abundantes renovações de luz, com recantos, panoramas e jardins dum inesperado sem par, são mananciais de inspiração para os pintores, igualmente as suas igrejas e ruínas, com um dos mais belos museus da Europa e uma das mais variadas colleções de sepulcros lavrados que a Itália tem, resulta numa privilegiada escola para os estatuarios, inesgotável de ensinamento e comovente de vibrações. Por isso Soares dos Reis se deixou prender para sempre em saudosas evocações daquelas obras-de-arte, e não deixou nunca esquecer a deliciosa lingua para galanteios de amor, que a propósito de tudo praticava, tal como hoje é moda os artistas servirem-se do francês.

Eslaimado de sensações e enleado nos entusiasmos, pasmando aqui e exaltando-se além, não houve motivo que ferisse a sua sensibilidade, sem apontamento em papel ou retenção na memória. Saudoso dêste bem que ia deixar por um bem provável que sonhava, os seus alburns encheram-se de lembranças, muitas escritas e todas breves. Assim como arquivava um tipo ou uma cara bonita, uma estátua ou um recanto original, também as curiosidades arqueológicas fixava, e daqui lhe ficou a teimosa paixão que pela vida fora o absorve, mal distinguindo a beleza da vida latente, da das coisas mortas que o assombavam. Nos artistas é frequente esta confusão, cadinhando por caprichos de encantamento, a própria alma com as sombras do mais longínquo passado. Dir-se-á que quanto mais afastados os segredos da arte são, mais os sequiosos de criação os sentem, como se a voz de sangues distantes os conduzissem a verdades que procuram e aqueles igualmente ambicionam. Existe uma ordem espiritual nestas aproximações que só os eleitos vêem e mal sabem explicar. Dante poz na boca de Beatriz essa lição: — "Todas as coisas têm uma ordem entre elas e esta ordem faz com que o Universo se pareça com Deus".

Estas derradeiras voltas pelos lugares sagrados da Arte, foram a alegria última da sua mocidade, que não mais voltaria a gozar, como êle com tristeza confessava, numa carta auto-biografica que escreveu a Joaquim de Vasconcelos, cheia de amargura e disfarçada revolta: — "Bem contra a minha vontade nunca saí mais para o estrangeiro, depois de se me acabar a pensão... Este desconsoo triste de queixume, foi datado de 1880. A verdade é que um ano depois, com o seu fiel amigo Manuel Maria Rodrigues —

## sobre Soares dos Reis

### inspirou o «Desterrado»

o da *Rosa do Adro* —, voltou a França e a Espanha, mas as sensações foram bem outras. De resto à Itália, onde se deixou queimar num desassocção gostoso, "que a fortuna não deixa durar muito", não mais teve a ventura de retornar, como até ao fim tanto ambicionou.

Em 1872, portanto, Soares dos Reis abandonando Roma, passava-se a França para se exilar na sua própria terra. Em França, só os génios seus irmãos tinham possibilidade de levantar obra como a sua. Sendo aquela época de agitação e retemperança, para com audácias se recuperarem projectos cortados por uma guerra cruel, Paris amedrontou-o. E a cisma começou ali de o atormentar, ainda que a ilusão o alimentasse, simultaneamente.

O tempo apura as faculdades privilegiadas e a revelação das personalidades é muitas vezes lenta, fugindo dos amareirados inculcitos para as purezas definitivas, em constantes lutas progressivas.

A reflexão aliada ao amor e ao treino profissional, nos artistas, leva-os a "sofrerem em irradiação", num indeterminado estágio de dúvidas ou esperanças, até produzirem "a obra máxima nas horas de luz divina", segundo asseguram os críticos. Soares dos Reis, portanto, era um caso de excepção. Naquella imagem criava uma obra fora do tempo, embora não possa ser considerado um vulgar precoce. Foi apenas um temperamento forte dado à pressa de proclamar com ternuras e clareza uma verdade.

Deus, que ajuda quem cedo madrega, escolhera na terra dos desterrados aquele que o destino marcava com pressas de fuga, para estatuar uma fatalidade particular da raça.

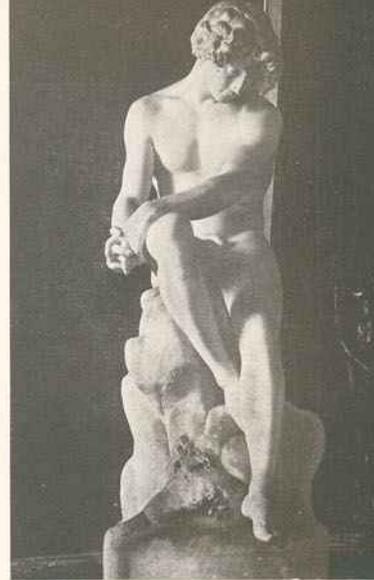
Hokusai, o fecundo e venerável pintor japonês, que trabalhou até aos oitenta anos, quando sentiu arribar a hora derradeira da existência, lastimou-se: — "Que pena!... Agora que eu começava a compreender o desenho!..." E rematava numa elucidação admirável: — "Habitue-me a desenhar a forma das coisas desde os seis anos; aos cinquenta tinha publicado um bom número de alburns de pintura; mas tudo quanto publiquei antes dos setenta, foram ensaios que não merecem duas palavras de atenção. Aos setenta e três tinha compreendido um pouco da estrutura dos pássaros, dos animais, dos insectos, dos peixes e também os segredos de como nascem as plantas e as árvores... Teria feito ainda mais alguns progressos agora, e por certo aos noventa penetraria o mistério das coisas, atingindo o estado divino lá para os cem. Mas só aos 110 anos de existência o que eu fizesse teria o ar vivo, exacto, respeitável. Que pena!... Daqui

por diante é que eu poderia produzir em definitivo.

Esta confissão final de um génio é uma lição e é um símbolo, que acerta com outras teorias referentes à longa paciência motivadora de grandes e anormais revoluções. Degas, ao eegar, quando tinha setenta anos, também exclamara: — "Óra bolas! Agora que eu começava a ver a côr!..."

No entanto há as excepções da sorte. Soares dos Reis também dizia serem precisos sessenta anos de estudo, de observação e de sacrificios para se saber modelar umas mãos. As do *Desterrado* são o resultado de muitos séculos nos museus, mas também duma hora de dôr que o Artista surpreendeu em si próprio. Em parte se explica que êle mandasse moldá-las sobre o natural, enclavinhando-as sem violência, para de si as copiar no *Desterrado*, como o atesta o molde em gesso que hoje se encontra no Museu do seu nome, vindo da Escola onde durante anos as minhas o acarinharam, na ingénua e íntima súplica que me levou a afaçar as estátuas de Miguel Angelo, em Florença, na augusta sala da capela, pegada à igreja de S. Lourenço.

"A arte engana muito porque a vida nunca está quieta e nós não podemos acompanhá-la. É preciso não se contentar nunca, mas não ser desastrado no caminho!" Por isto mesmo a sua obra foi evolutiva até ao momento em que o descontentamento pertinaz o aterrorizou. A sua insatisfação foi o melhor estímulo da sua arte; mas foi, igualmente, a arma



Outro aspecto do «Desterrado»

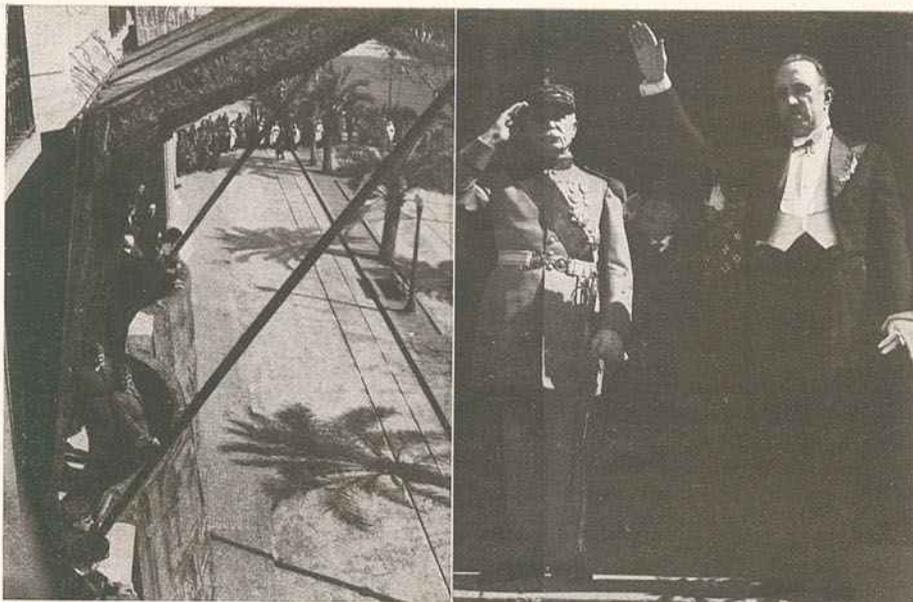
perigosa que o levou da dúvida ao desfalecimento. Dêste à renúncia vai o espaço dum ai! Algum *desastre* lhe aconteceria no caminho!...

(Continua)

RUY DE ARAÇÃO.



O carro de Apolo — baixo-relevo de Soares dos Reis



## APÓS A GUERRA DE ESPANHA

*Em cima:* O generalíssimo Franco assistindo ao desfile das suas tropas vitoriosas, após a entrada em Barcelona. — O marechal Pétain, embaixador da França em Espanha, ouvindo em continência, a «Marselhesa» à sua chegada ao palácio do Governo. —  *Ao centro:* Um aspecto do desfile duma bandeira da Falange em Barcelona. —  *Em baixo:* O coronel Lunn, dinamarquês, chefe do *contrôle* da não-intervenção na fronteira dos Pireneus, despedindo-se dos oficiais do 24.º regimento de artilharia de Tarbes. — O general Yagüe, chefe do corpo de Exército Marroquino falando às suas tropas



# CRIANÇAS E FLORES

## PRIMAVERA DA VIDA

QUANDO a natureza se engalana com o renascer da vida, tudo sorri, tudo se embeleza, o mais humilde terreno onde só há pedras, deixa brotar entre elas um pouco de verdura, uma pequena e delicada flor, sem cuidados nem perfume, mas duma delicada frescura que encanta os olhos que sabem ver a beleza singela, e, não se prendem só a contemplar a luxuosa orquídea.

Pelos montes e charnecas, as flores desabrocham numa deslumbrante orgia de cores, aqui um retalho do amarelo doirado, além um arrocheado sombrio, mais longe o rubro ardente das papoilas, entre a verdura brilhante dos trigaís e tudo é festa na natureza, que veste o seu vestido luxuoso de cores inigualáveis e que pela manhã se envolve na gaze diáfana que lhe trás a frescura húmida e que é a sua «écharpe», que gótas de orvalho encham de pérolas de cristal.

E nos jardins que a mão cuidadosa do homem trabalha com carinho, desabrocham as violetas singelas, mas de tão intenso perfume, os rainuculos de tôdas as cores, os «miosótis» que parecem ser do azul dos olhos dos anjos, e, as rosas, as soberbas rainhas das flores, que do alto das roseiras dominam com a sua opulenta beleza e o seu forte odor tôdas as outras flores.

A rosa candida e branca, que lembra as cores que cingem a fronte pálida e fria duma virgem morta, as rosas côr de carne, palpitan-tes de beleza e que vemos como presente de amor, na mão duma rapariga simples e bela e as rosas vermelhas, rosas de paixão, manchas vermelhas de sangue rubro, que evocam corações feridos sangrando.

E as simples rosinhas de tocar que em festões guarnecem os jardins, mimosas e pequeninas, perfumadas e gentis põe manchas brancas, amarelas e vermelhas na verdura profunda dos jardins.

E as açucenas brancas e perfumadas que nos falam de altares, de culto místico a Deus que tude criou e à virgem Santíssima Mãe de Deus e dos homens sua consoladora.

E lá ao longe nas estufas orgulhosas e afastadas, as soberbas orquídeas, dum transparente arroxeadado, umas, afectando formas exóticas de

insectos e bichos outras, agressivas e altanciras.

E os arbustos floridos, as lilazceiras com os seus cachos todos brancos, mas com as vestes dos anjos e dos inocentes, roxos outros, como que macerados pela dôr que flutua no ar e se evola da humanidade que sofre, e, espalhando no ar efluvios tão subtis, que embriagam como os prozarios vinhos mais capitosos e espumantes.

São as flores a festa da natureza, a mais bela festa que existe, aquela que põe uma nota luminosa na vida, nota que atrái o mais sombrio olhar e adoça a mais profunda dôr.

Quem é que não sente a alegria da natureza o desabrochar da vida na verdura tenra das árvores, o encanto dos jardins que florescem em maravilhas, cheios de cuidados e regas e os montes que numa expontânea homenagem se vestem de cores lindas?

Mas há na vida humana outra primavera que deslumbra e encanta comove e entristece, as flores dessa primavera; são as crianças.

Crianças loiras e belas, crianças que não são bonitas, aquelas que riem num carinhoso riso, ou que choram as mais enternecedoras lágrimas da infância, aquelas a que nenhum coração de mulher pode resistir.

Há crianças para quem a vida só tem sorrisos e mimos, outras como os cachos roxos dos lilazes, para quem as agruras começam cedo, mas a infância é a quadra da vida em que a alegria tem de florescer, e, até as crianças que não são felizes riem diante duma flor e se encantam ao receber um afago.

Mas as crianças são como as flores e a infância é o maior e o mais florido jardim da humanidade, e quantos cuidados não exige esse jardim e que atenção êle não nos devia merecer.

Cuidados materiais de toda a ordem; são tão frágeis os seus tenros corpinhos e os males cruéis espreitam-nos, prontos a destruir a vida que começa.

As doenças e a morte são a sombra constante



que ameaça esses rostinhos côr de rosa, essas perninhas que se agitam no ar, no prazer inconsciente de viver de ser um entesinho cheio de saúde e de vida.

Como as mãis carinhosas, passam horas a velar o sono dos pequeninos e quando a doença os ataca, que horas de dolorosa inquietação, não sulcam de lágrimas um belo rosto de mulher e, não deixam no seu olhar essa expressão de quem já sofreu.

Mas nem só os sofrimentos físicos devem ocupar o carinho das mãis, não é só o perigo das doenças, dos desastres que devem fazer bater mais depressa os seus corações e angustiar a sua alma.

É preciso que as mãis dêem atenção a essas tenras alminhas e prescretem tudo aquilo que nelas nasce, porque se os rostinhos são como flores de jardim, nessas tenras almas germinam também ervas daninhas, que se cuidadasa mão de jardineira não tratar e mandar poderão crescer, desenvolver-se e afagar tôdas as flores das boas qualidades.

Ser boa mãe não é, como muitas o supõem, fazer só aquilo que as crianças querem na inconsciência da sua pouca idade. Ser boa mãe é educar com severidade quando é preciso, e com infinita ternura, quando a doce natureza da criança o permite.

É doloroso ser severa com um pequenino ente que se adora, mas é necessário, para que mais tarde não tenha de sofrer com a rudeza da vida fazê-lo chorar as passageiras lágrimas da infância.

A tôdas as horas nós encontramos na vida de tôdos os dias, as tristes consequências, da fraqueza dos pais, que para evitarem uma pequena birra aos seus filhos, lhes preparam um desgraçadíssimo carácter.

Egoísmo feroz, que coloca acima de tudo o próprio bem estar, inconsciência dos deveres a cumprir na vida, certos caracteres, que imaginam que tudo lhes é devido, falta de respeito pelos bens alheios, vícios que enodoam o carácter, tudo ervas daninhas, que ao crescer se tornaram em densa floresta de árvores de espinheiro, que dilaceram as almas onde cresceram e abrem sulcos de sangue naqueles que vivem ao seu lado.

E como essas florestas teriam sido dizimadas se ao despontar as primeiras fôlhas a mão suave, mas firme duma boa educadora, tivesse dominado e tivesse arrancado duma tenra alma os primeiros defeitos que despontam.

MARIA DE EÇA.





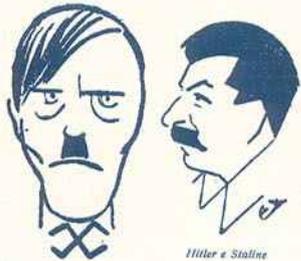
Hitler

COSTUMA dizer-se de uma coisa de existência efêmera que teve a duração das rosas de Malherbe.

A Ucrânia, como país independente, também pouco mais durou que o espaço duma manhã — manhã de sonho em que alguns entusiastas pensaram em erguer uma nova nação sobre as ruínas que, a mais de meio do terceiro ano de guerra, a Europa ostentava já por toda a parte. Foram acalentados pelos dois grandes países ocidentais, a França e a Grã-Bretanha, que tão depressa acarinham tais ambições como inopinadamente abandonaram à sua sorte aqueles que nas promessas de ambos muito confiaram.

Vem a propósito agora, que tanto se fala na conquista da Ucrânia pela Alemanha, escrever algumas palavras acerca deste membro da união russa, e apresentar alguns dados, fundando-se nos quais há quem afirme que a Ucrânia não constitui propriamente uma nação, como presentemente se quer fazer acreditar.

Hoje retalhada por quatro nações — Polónia, Hungria, que absorveu a Ruténia ou Ucrânia Subcarpática, até há dias parte oriental da Checoslováquia, Roménia e U. R. S. S. — a Ucrânia é uma enorme região com mais de 50 milhões de habitantes e de uma fertilidade e riqueza do subsolo espantosas, principal-



Hitler e Stáline

mente na parte russa, riqueza que é causa provada da ganância germânica.

Na verdade, essa fracção é chamada o "celeiro da Europa", tal a quantidade de trigo que produz, tendo de mais duas colheitas anualmente; os seus portos, debruçados sobre o Mar Negro, são de grande importância estratégica e são o escoadouro natural de grande número de regiões, o que também lhes dá enorme interesse comercial; finalmente, os seus poços de petróleo e as suas minas de diferentes metais, inclusive preciosos, são conhecidos de sobejo.

Tudo isto atrai sobre ela a cobiça do III Reich, desejoso de estender ao oriente a forte preponderância que já exerce na Europa Central.

Antigamente era denominada Pequena Rússia e o nome de Ucrânia, que há três séculos lhe vem sendo dado, significa nem mais nem menos que "no limite", Ucrânia é, pois, "fronteira".

Dos domínios do Tzar fez parte até que durante a última guerra proclamou a independência.

Como se disse, a duração da república ucraniana foi ínfima; assolada pelas tropas germânicas, foi a seguir calcada pelos soldados "vermelhos", que a obrigaram a fazer parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A população da Ucrânia é o que há de mais heterogêneo: russos, polacos, judeus, tártaros, alemães, checos, gregos, turcos, arménios, ciganos, búlgaros, etc., aí habitam e formam um conjunto absolutamente incapaz de se fundir.

E no que diz respeito a línguas, coisa idêntica acontece: o ucraniano escrito não é mais do que uma espécie de *esperanto*, uma língua factícia e artificial, na maioria das vezes ignorada pelo povo.

Fala-se o grego, o turco, o alemão, o tártaro, o polaco, o russo, sobretudo, mas em dialectos vários e numerosos, tudo isto numa amalgama enorme, falando-se todas as línguas na mesma região, sem de modo nenhum se poderem designar sectores de território em que predomine uma das línguas ou uma das raças.

Se estes factos se notam, com clareza a evidência absoluta, nos campos, não deixam também de verificar-se, embora atenuadamente nas grandes cidades litórais, como Kharkov, sua capital, Kiev, Odessa e outras, na criação das quais tomaram parte elementos étnicos e linguísticos os mais variados.

Faltando uma comunidade de interesses e de aspirações, tendo uma história que se encontra dispersa pelas nações sob cuja suzerania se encontram os diferentes grupos populacionais, não tendo, praticamente, o grande elemento de ligação que é a língua comum — a região russa denominada Ucrânia não tem condições para formar uma nação, muito embora prevaleçam certos caracteres particulares que não são todavia suficientes para tal.

Como diz o ilustre jornalista francês e eminente académico Jérôme Tharaud, a questão ucraniana não existe. Ela não é senão um dos aspectos do problema

A GRANDE ALEMANHA

# Porque não forma a Ucrânia uma nação?

## Um novo objectivo da ambição germânica?

russo. Uma propaganda hábilmente dirigida, certamente pelo governo nazi, é que fez nascer tal questão.

A Ucrânia é fundamentalmente uma região integrada na Rússia e fazendo de tal sorte parte dela que — por menor interessante — a língua russa actual, o russo escrito, se bem que formado em Moscovo e S. Petersburgo, é criação dos ucranianos.

No século XVII estando a língua russa em franca decomposição, foi o russo meridional, fornecendo-lhe vocabulário em quantidade e insuflando-lhe muito do seu espírito e dos seus caracteres, que lhe restituiu o esplendor perdido.

Este facto mais fundiu o espírito dos povos submetidos ao autocrata de Petrogrado.

Que melhor elemento para acabar com a interferência entre os povos de que a penetração dos seus idiomas, o exprimirem-se os mesmos sentimentos pelas mesmas palavras, iguais ideias por iguais vocábulos?

Por tudo isto é que opiniões autorizadas sustentam, contra a violenta campanha desencadeada pró-independência da Ucrânia, que essa fracção do território russo não apresenta condições para formar uma nação. Isto contraria os desígnios da Alemanha que, provocando a independência ucraniana, mais facilmente a poderia depois absorver, não tendo para isso de se defrontar com as legiões moscovitas que, se não são de valor militar de maior, podem arrastar para a luta nações cujo peso é de respeito e talvez até com as quais o governo germânico tenha receio de arrostar.

Mas de facto a Alemanha nacional-socialista deejará colocar a Ucrânia sob a sua égide?

Uma rápida vista de olhos sobre a actividade do nazismo desde que ocupa o poder, convencer-nos-á de que também esta ambição é legítima atribuir ao Reich.

Na verdade desde que no limiar de 1933 o nacional-socialismo, ou melhor, Hitler, tomou conta do governo alemão, a Europa não mais gozou uma hora de sossego.

Há seis meses apenas que no *schloss* da Wilhelmstrasse se arvorara a bandeira da cruz gamada, e já os dirigentes nazis começavam a mostrar a sua irrequietude e a preparar-se para a realização do programa pangermanista.

Foi logo em Outubro dêsse ano o abandono, por parte da Alemanha, da S. D. N. e da Conferência do Desarmamento, coincidindo tal abandono — o

que é sintomático — com o estudo que *sir* John Simon estava fazendo para, por meio dum compromisso entre a França e a Alemanha, o desarmamento se tornar uma realidade.

A Europa estremeceu de surpresa; isto era, porém, só o pano de amostra.

E aparece então a primeira grande reivindicação: Igualdade de direitos ou seja o saltar pura e simplesmente por cima dos tratados de Paz — o *diktat de Versailles* na frase alemã. Só num ponto a Alemanha não quis deixar de cumprir o tratado: na realização do plebiscito do Sarre, o que lhe valeu a volta em 1935 para a soberania do III Reich desta importante região industrial, este quinze anos sob a bandeira francesa.

Depois, em golpes sucessivos de audácia e perante o Mundo boquiaberto, anuncia-se a constituição da aviação militar, seguida seis dias depois do estabelecimento do serviço militar obrigatório, e um ano após a remilitarização da Renânia. Mas ainda não era tudo: o desenvolvimento da marinha de guerra e a suspensão do pagamento das indemnizações a que se obrigara em 1919, vieram coroar a luta pela igualdade de direitos, ante a Europa atônita, desunida e enfraquecida.

A seguir Adolfo Hitler passou a entender que "os limites da Alemanha têm variado sempre. E ficarão a mudar até que os povos alemães fiquem unidos num só". É o sonho do Grande Reich, sonho que se transformou já em realidade.

Foi primeiro a anexação da Austria; depois a do povo sudeta, integrado nas fronteiras da desaparecida Checoslováquia; há dias ainda o regresso da região de Memel ao seio do III Reich.

Presentemente é a necessidade de um lugar ao sol, de desenvolver a economia da Alemanha que tem muitas bocas e pouco pão para lhes dar, que justifica, aos olhos do chanceler germânico, o desmembramento e anexação, sob o disfarce de protectorado, da Morávia, Boémia e Eslováquia, que com a Ruténia formavam a Checoslováquia, nação que um político de nomeada — Masarick — e o sacrifício da vida de muitos dos seus naturais ajudara a erguer de entre os escombros da Grande Guerra.

E continuando a marcha para leste, e a dentro do programa de autarquia económica que a Alemanha se propõe levar a efeito, não é preciso ser profeta para prever que o golpe da água germânica será dirigido contra a Ucrânia logo que a ocasião se proporcione.

Se conseguir êste *desideratum*, a Alemanha bastar-se-á a si própria, o que lhe trará uma situação invejável: a de não necessitar de ouro para comprar no estrangeiro os alimentos e mercadorias de que necessita em tempo de paz, e a de evitar os perigos de um bloqueio e arriscar vidas e fazendas em tempo de guerra, pois tudo o que precisar terá dentro da sua própria casa.

O Reich, especulando com o horror da guerra, tem, de uma forma inteligente e astuta, sabido formar um enorme império sem o disparo de um único tiro.

Porém a anexação da Checoslováquia produziu um abalo demasiado violento às potências pacifistas, que vêm já com muita apreensão o aumento contínuo do poderio e superfície do Reich.

E as reacções começam já a acentuar-se, por meio de alianças e tratados e do reforço do potencial bélico.

Mas quanto à Ucrânia: Quem a salvará se se verificar a suposição, que se nos não afigura errônea, da desorganizada máquina moscovita não ter força para a defender?

Ou será a Pequena Rússia o rastilho que fará deflagrar a grande bomba que é a Europa de hoje?

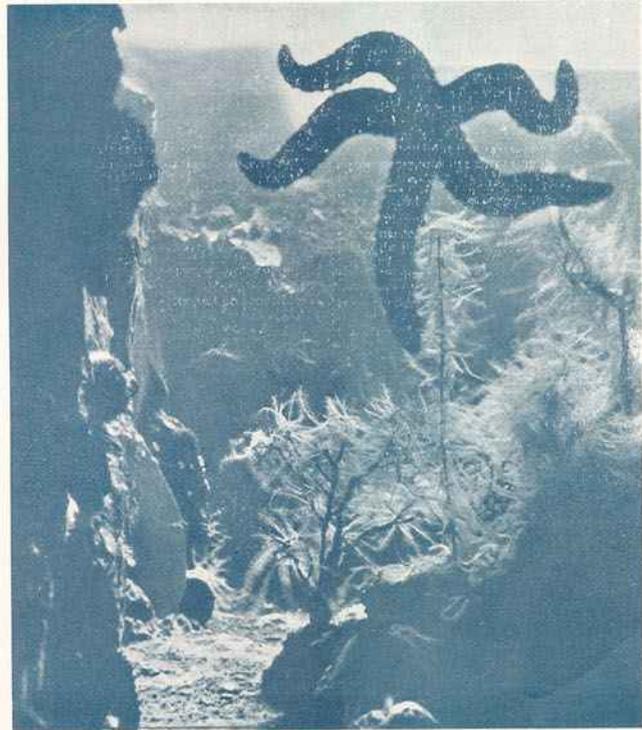
As vezes as pequenas coisas, os factos



Stáline

que aparentemente são de importância ínfima, são aqueles que provocam as grandes transformações, os que dão origem aos grandes acontecimentos que a História regista.

CASPAR DA CRUZ FILIPE.



Palasem marítima ucraniana em que parece esboçar-se a cruz suíça

**Festas elegantes**

Esta Primavera as senhoras da nossa primeira sociedade resolveram reunir-se às tardes em alguns pontos elegantes de reunião para jogarem o bridge e mag-jong. Assim às quartas-feiras, reúnem-se nas salas do Automóvel Club e às quintas-feiras, nas novas salas do Club Brasileiro. Estes pontos de reunião têm estado muito animados.

Também para este mês já se anunciam várias festas de caridade, prometendo todas elas decorrerem num ambiente de elegância.

**Casamentos**

Na paroquial igreja de Santa Maria de Belém realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Leonor Silva Martins, gentilíssima filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria do Rosário Branco Martins e do sr. Adolfo Martins, com o sr. João Conde Ribeiro, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, o sr. Jacques Mopurgo e sua esposa, e por parte do noivo, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Joana Conde Bordalo Pinheiro e o sr. Fernando Bordalo Pinheiro.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva, tendo sido oferecidos muitos brindes aos noivos.

— Em Espinho, na igreja paroquial, realizou-se o casamento da sr. D. Helena Cardoso de Vasconcelos, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Luz Gomes Cardoso e do sr. Joaquim Cerqueira de Vasconcelos, com o sr. Alvaro Tamagnini Barbosa, filho da sr.<sup>a</sup> D. Laura Tamagnini Barbosa e do sr. dr. Raul Tamagnini Barbosa, servindo de padrinhos, a sr.<sup>a</sup> D. Etelvina Cerqueira de Vasconcelos de Meneses e Lemos e o sr. dr. João V. de Vasconcelos.

Os noivos, a quem foram oferecidas muitas prendas, vieram para Lisboa passar a lua de mel.

— Pelo sr. Manuel dos Santos Pintalhão, foi pedida em casamento para seu sobrinho, o sr. Manuel António d'Ascenção Carvalho, filho do sr. António da Silva Carvalho, a sr.<sup>a</sup> D. Deolinda Rosa Ferreira Martinho, gentil filha do sr. António Ferreira Martinho, devendo a cerimónia realizar-se ainda este ano.

— Pelo sr. dr. Vasco Lopo Gonçalves Marques, filho do sr. dr. Vasco Gonçalves Marques, foi pedida em casamento, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Joana Lopes Pereira, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Luisa Lopes Pereira.

— Para seu filho sr. dr. João Dias Gaspar, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Luciana Dias Gaspar e seu marido o sr. Artur André Gaspar, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Irene Lopes Nunes de Matos Guimarães, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Irene Lopes Nunes de Matos Guimarães e do sr. Arnaldo Guimarães.

O casamento deve realizar-se ainda este ano.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Ismália de Araujo Bastos Messeder, viúva do sr. Alfredo Coelho Messeder foi pedida em casamento para seu filho Fernando, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Antónia de Queiroz Montenegro Pinto de Moreira Geraldês Malheiro, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Júlia Pinto de Queiroz Montenegro Pinto Moreira Geraldês Malheiro e do sr. José Maria de Melo Geraldês Malheiro, devendo a cerimónia realizar-se durante o corrente ano.

— No Porto, ajustou-se oficialmente o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria José de Sampaio Rodrigues do Amaral, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Henriqueta Rodrigues do Amaral e do sr. Aurélio do Amaral, com o sr. dr. António de Almeida Vieira, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Glória de Vasconcelos de Almeida Vieira e do sr. dr. José de Almeida Vieira.

O casamento deverá realizar-se este ano.

— Sendo celebrante o Rev. Prior Padre Francisco Maria da Silva, realizou-se na igreja do Santo Contestável, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Nazareth de Jesus, com o sr. Pedro de Bessone Basto.

Findo o lanche, servido em casa dos pais do noivo, partiram estes para a Quinta de Santa Bárbara, propriedade do sr. Fernando Sabino, cunhado do noivo, onde vão passar a lua de mel.

Aos noivos foram oferecidas muitas e lindas prendas.

— Na igreja da Nossa Senhora da Fátima, realizou-se, com grande solenidade, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Margarida do Carmo Soares de Santana, e do sr. Joaquim Frederico de Santana, já falecido, com o sr. João Maria Sarmento Vasconcelos Patrício, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria José Sarmento de Vasconcelos Patrício e do sr. dr. Ladislau Patrício.

# VIDA ELEGANTE

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Margarida de Soares Guedes e seu marido, sr. Manuel Constantino Guedes, e por parte do noivo, seus pais.

Em seguida à cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa dos padrinhos da noiva, tendo seguido, depois, os noivos para o Estoril, onde passam a lua de mel.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Está justo o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Rita Teixeira Cardoso e do sr. João Fonseca Cardoso, com o sr. José Augusto Camacho dos Santos, filho da sr.<sup>a</sup> D. Amélia dos Santos Silva Braga e do sr. dr. José Rodrigues Braga.

O pedido foi feito pelo pai do noivo e pelo sr. dr. Augusto Rua, devendo a cerimónia realizar-se brevemente em Santo Tirso.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Márcia Emília Alcântara de Albuquerque e Castro Amaro, esposa do sr. coronel Ernesto Gonçalves Amaro, foi pedida em casamento para seu sobrinho Fernando Manuel Gonçalves de Almeida, a sr.<sup>a</sup> D. Amália de Moraes, gentil filha do sr. Emílio de Moraes.

O casamento deve realizar-se ainda este mês.

— Em Belmonte realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Beatriz Soares, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Carminda Amélia Soares Cruz e do sr. Constantino Soares Cruz, com o sr. António Augusto de Sousa Marques de Azevedo, filho da sr.<sup>a</sup> D. Felisbela de Sousa Marques de Azevedo e do sr. António Marques de Azevedo. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Natália Pinto de Almeida e seu marido o sr. dr. José Pinto de Almeida, e por parte do noivo, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Glória Duarte e seu marido o sr. João Duarte Veloso.

Em casa dos pais da noiva foi servido um fino lanche, seguindo os noivos para o sul a passar a lua de mel.

Aos noivos foram oferecidas muitas prendas.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Sofia Ferrari de Vasconcelos de Azevedo, foi pedida em casamento para seu filho Frederico, a sr.<sup>a</sup> D. Vera de Betencourt Moreira de Carvalho, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Fernanda de Betencourt Moreira de Carvalho e do sr. dr. Jaime Moreira de Carvalho, devendo a cerimónia realizar-se muito breve.

— Na igreja do Lumiar, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Eugénia Maria José Steinjam de Castro, com o sr. dr. Abílio Pinto de Lemos, tendo servido de padrinhos da noiva, seus pais, sr. dr. Eduardo Ferreira de Castro e D. Margareth Wilhelin Ferreira de Castro, e por parte do noivo, sua mãe, sr.<sup>a</sup> D. Georgina Menezes Andrade Pinto de Lemos e seu irmão sr. dr. António Pinto de Lemos.

— Na paroquial igreja de Santiago de Cacem, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Lina Simeão Rodrigues, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Elvira Simeão Rodrigues e do sr. António Nobre Rodrigues, já falecido, com o sr. Eduardo Eloy Sabido Falcão, filho da sr.<sup>a</sup> D. Luiza Sabido Falcão e do sr. Eduardo Falcão, já falecido. Serviram de padrinhos da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Cândida Simeão Ferreira e o sr. visconde de Tinalhas, e do noivo, a mãe, e o sr. dr. Francisco Ribeiro Falcão.

Os noivos, a quem foram oferecidas inúmeras prendas, vieram fixar residência em Lisboa.

— Foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, esposa do ilustre advogado sr. dr. Carlos Zeferino Viana Pinto Coelho, para seu filho António, distinto engenheiro civil, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Margarida de Betencourt Moreira de Carvalho, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Fernanda de Betencourt Moreira de Carvalho e do distinto clínico sr. dr. Jaime Moreira de Carvalho, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

**Nascimentos**

Teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Tereza da Silveira Vilhena da Costa e Almeida, esposa do sr. engenheiro Francisco José Vilhena de Almeida.

Mãe e filho, estão felizmente bem. — Teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Luz Espírito Santo.

O parto decorreu difícil, tendo sido seu operador o sr. dr. Torres Pereira.

— Teve o seu bom sucesso a sr.<sup>a</sup> Condessa de Castro.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza Palha Van-Zeller de Serpa Pimentel, esposa do sr. D. Eduardo de Mendia de Serpa Pimentel.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Em Cascais teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> Viscondessa de Pereira Machado.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

**Baptizados**

Na capela particular da sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Fernandes O'Neill realizou-se o baptizado de um seu bisneto, filho da sr.<sup>a</sup> D. Josefina Roquete Ricciardi e do sr. Jorge de Serpa Pimentel O'Neill.

Foram padrinhos a avó materna, sr.<sup>a</sup> D. Julieta Holtremann Roquete Ricciardi e o avó paterno, sr. Hugo O'Neill.

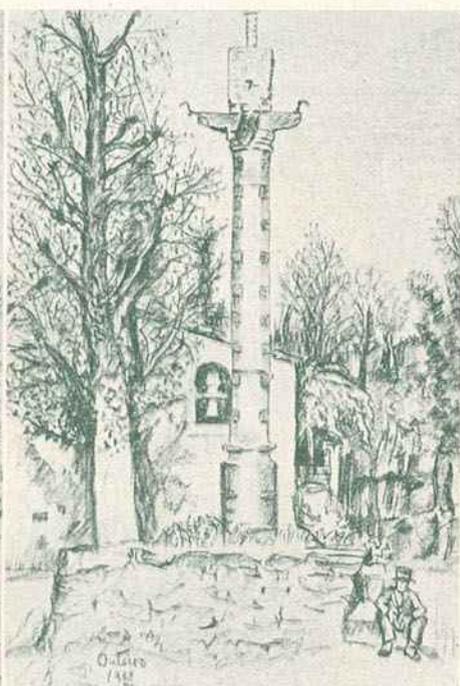
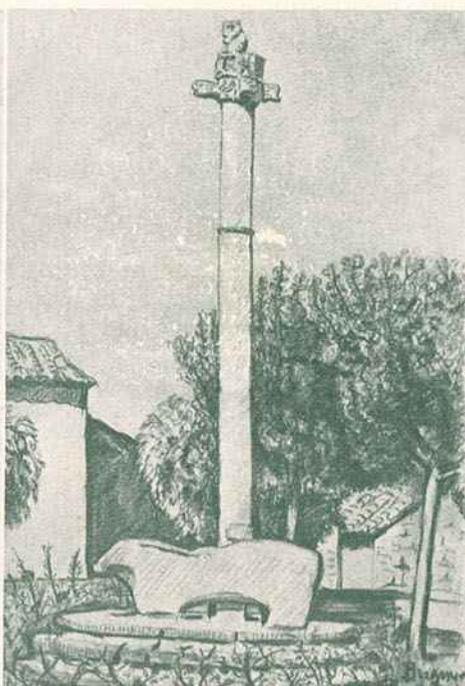
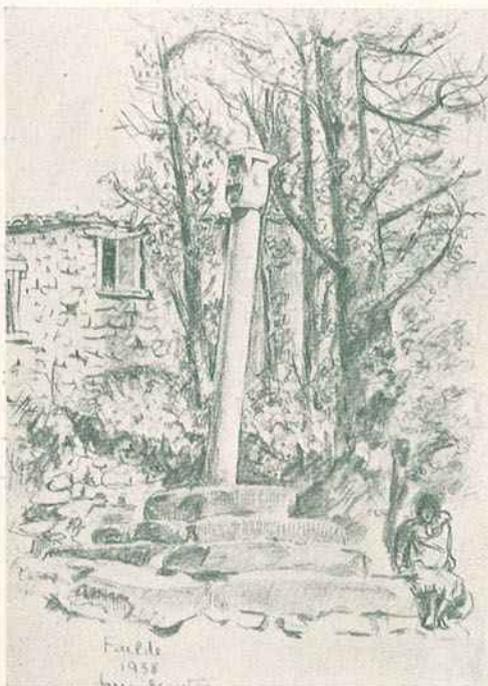


Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Leonor Silva Martins com o sr. João Conde Ribeiro. (Foto Max).

# FIGURAS E FACTOS



Alfredo Ferraz, famoso bilharista português, no seu regresso de Lausana, onde conquistou o título de campeão mundial de bilhar em partida livre. — A' direita: Um aspecto da igreja de S. Domingos, em Lisboa, durante as festividades da Semana Santa



Pelourinhos de Trás-os-Montes, vendo-se, da esquerda para a direita, o de Fialde, o de Bragança e o de Outeiro. Estes desenhos do dr. Faria de Castro figuram na magnífica exposição realizada há dias em Lisboa. Ao engenho do ilustre desenhador deve a provincia de Trás-os-Montes um grande beneficio



Francisco Ventura é um poeta que enfeixou num gracioso volume os seus sonetos, intitulando-o *Jornada de Sísifo*. Nesses versos há inspiração, há engenho e há o desalento próprio dos poetas. Nestes tempos de realidades que estamos atravessando, é interessante ler um poeta de alma pura e insatisfeita



*Um homem de 50 anos*, eis o título do novo romance do general Alexandre Malheiro, festejado autor da *Morgadinha da Levada*. Pela suavidade da forma e fidelidade no esboço psicológico dos personagens, este novo livro de Alexandre Malheiro é um dos mais belos no seu género, devendo ter um verdadeiro êxito



*Quadros Vicentinos* se intitula um opúsculo do dr. William Edward Clode, publicado no Funchal, e que o seu prefaciador diz serem «singelas narrações em que os vãos da fantasia são substituídos por pungentes ou deleitosas realidades cheias de lições de alto valor para a nossa vida moral, social e religiosa».



Tôda a gente escreve, tôda a gente rabisca linhas de prosa ou verso, declarando uma grande tendência para as letras, embora as letras não correspondam muitas vezes, com essa tendência para os seus apaixonados. Eis o intercâmbio que mestre Costa Leão tenta levar a efeito com o seu *Prontuário de Ortografia*, indispensável a quem escreve. Não basta, portanto, escrever, o que se torna necessário imprescindível é saber como se escreve



As exhibições de grandes conjuntos em ginástica educativa são sempre espetáculos de particular encanto e a sua organização constitui o melhor processo de propagação da educação física.

No seu salão nobre organizou, durante a última semana do mês findo, o Ginmásio Clube Português as provas dos concursos de ginástica educativa e olímpica, cuja iniciativa lhe pertencera em continuidade dos outros concursos realizados também pela prestigiosa agremiação nos três anos precedentes.

As competições de 1939 assentaram sobre bases regulamentares inteiramente distintas do passado, não por conveniência de aperfeiçoamento técnico ou progresso aconselhado pela experiência, mas sim porque alguns incidentes de classificação atestando o estranho critério dos juizes e a falsa compreensão de valor próprio dalguns concorrentes, forçou o clube organizador a mudar de rumo por lhe estar fechado o caminho na direcção adoptada.

Nestas circunstâncias, os comentários discordantes que nos possam merecer as condições estabelecidas para a mecânica e regulamentação dos recentes concursos, as quais, aliás, consideramos ditadas pelo melhor propósito, não impedem que prestemos a devida justiça à regularidade e interesse do certame e ao esforço persistente e bem intencionado do Ginmásio.

A tentativa merece aplauso e alcançou êxito relativo; teve deficiências estruturais que não podem ter surpreendido nem os organizadores, tanto eram antecipadamente flagrantes, mas contam-se-lhe também alguns elementos aproveitáveis e outros bons sem reserva.

Para apreciar convenientemente o concurso, é indispensável separá-lo nas suas duas secções porque a crítica a uma, diverge por completo do comentário à outra.

O concurso de ginástica olímpica satisfêz em absoluto; destinando-se a especialidade cultivada em raras agremiações, nunca poderia reunir avultada inscrição, mas nada justifica — a não ser a impossibilidade técnica de satisfazer às condições regulamentares — que dêe se abstiverem os clubes ou entidades praticantes. O programa e a fórmula de competição escolhidos podem ser conservados na generalidade, porque a prova é digna de continuar figurando no calendário nacional.

Temos a impressão de que um segundo concurso semelhante captaria maior número de simpatias vencendo as relutâncias êste ano verificadas e que eram consequência do receio que se apossa sempre dos dirigentes do desporto português ante qualquer novidade.

O mesmo não podemos repetir em relação ao concurso intitulado de ginástica educativa e ao qual temos apontado como seu principal êrro a designação escolhida, que teve o inconveniente de alhear logo ao ser divulgada, o interesse dos professores e institutos de ginástica verdadeiramente educativa e que não quiseram — com fundamentada razão — jogar o seu nome e o seu trabalho numa competição discordante das bases pedagógicas elementares da sua acção cultural.

Não é, de facto, de ginástica educativa, um torneio, onde os concorrentes executam hoje os exercícios de suspensão e os saltos, amanhã os preparatórios e o equilíbrio, no dia imediato o trepar. Não corresponde às normas do ensino educativo, uma apresentação de alunos que se exibem em difficilimos equilíbrios e executam depois os saltos mais rudimentares.

A concurso em tais moldes todos os nomes serão apropriados, menos o de ginástica educativa, e estimaríamos que êste nosso critério fôsse compreendido pelos organizadores no intuito que o dita, e que é unicamente o de tornar possível melhor acolhimento a qualquer idéa de continuação da iniciativa.

Sempre que às individualidades responsáveis da opinião oficial do Ginmásio Clube se

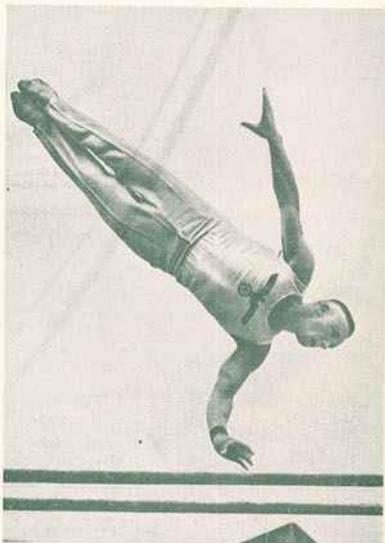
## A QUINZENA DESPORTIVA

apresentou ocasião para falar ao público sobre as condições do concurso, a nota dominante nas suas referências foi a de áspera censura às colectividades que, em contrário dos anos precedentes, se negaram a participar nas provas. Não temos procuração dos acusados, nem a sua atitude precisa de advogado, mas é exagero injustificado considerá-los em quebra dos deveres de boa camaradagem.

É incontestável que o G. C. P. orientou o regulamento ao sabor das conveniências do critério pedagógico adoptado nas suas classes, e ninguém lho levará a mal; mas ninguém poderia exigir, em contra-partida, que os clubes onde o critério é diverso, mudassem de orientação por espírito de solidariedade.

O maior inconveniente técnico do concurso pseudo-educativo dêste ano, era, porém, a nosso vêr, a influência exercida pela preparação dos alunos no funcionamento regular das lições.

Nos concursos de 1936, 1937 e 1938 as classes concorrentes apresentaram-se num esquema completo e equilibrado que era a conclusão lógica do próprio ritmo evolutivo do ensino em conjunto; no concurso de 1939, o professor foi forçado a ensaiar oito alunos em deter-



Os ginastas alemães são os melhores do mundo nos exercícios olímpicos em aparelhos, modalidade na qual os portugueses estão dando prova de assentados progressos.

minados exercícios, com o fito no máximo da dificuldade e com indiscutível prejuizo para o trabalho dos restantes e para a sequêcia regular do esquema da lição.

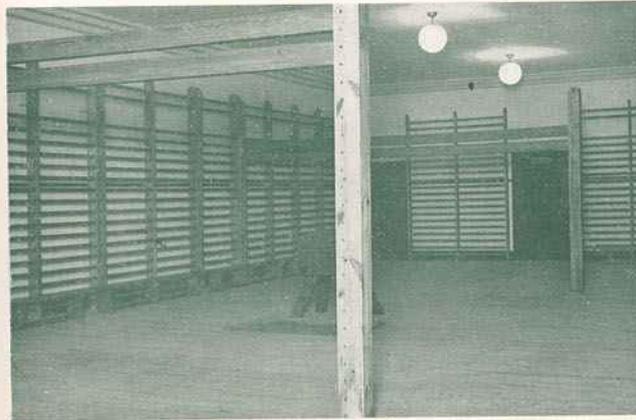
Os e as gymnastas apresentadas, consumiram certamente horas inteiras no aperfeiçoamento dos excelentes exercícios de equilíbrio ou suspensão que exibiram no concurso, e durante êsse período de aperfeiçoamento intensivo, o professor deixou de lhes ministrar sessões de ginástica educativa e descurou em grande parte as necessidades dos restantes componentes da classe. Para algumas das colectividades que mantêm cursos de educação física esta situação seria incomportável, porque lesiva das suas responsabilidades morais e materiais assumidas para com os alunos inscritos.

Que a entidade organizadora umda concurso, no qual empregou o melhor da sua boa vontade, lastime o fracasso de concorrência, é procedimento absolutamente legítimo; mas daí à afirmação pelo seu arauto oficial de haverem tido propósitos insidiosos os ausentes vai distância considerável e que nada autorizava a transpôr.

É com semelhantes rasgos de ôca oratória que se geram inimizades e criam dissensões.

A moderação é excelsa virtude tanta vez esquecida pela tentação de colher o êxito fácil de aplausos amigos.

O Sport Lisboa e Benfica comemorou



Nas novas instalações há pouco inauguradas pelo Sport Lisboa e Benfica houve o cuidado de apetrechar êste magnífico ginmásio, melhoramento indispensável à importante colectividade.

a passagem do seu 35.º aniversário inaugurando, novas instalações que satisfazem enfim às necessidades e tradições da gloriosa colectividade.

A cerimónia inaugural foi honrada com a presença do venerando Chefe de Estado e do sr. ministro da Educação Nacional que assim provaram uma vez mais o apreço que aos altos poderes oficiais merece actualmente o movimento desportivo e os seus mais importantes organismos.

Ao saudar os ilustres visitantes, o presidente do grémio em festa referiu oportunamente a situação embaraçosa em que se encontra a maioria dos clubes desportivos cujos terrenos e instalações, fruto de tanto sacrificio, estão sendo destruidos pelo traçado das novas artérias de acesso cidadinas.

Problema realmente de gravidade máxima, cuja solução representa de há longa data alfitiva diligência dos dirigentes dessas agremiações, aos quais talvez hajam chegado como uma aurora de esperança as palavras de resposta do sr. dr. Carneiro Pecheco; disse S. Ex.º que os planos de urbanização afectam de certo modo os campos desportivos existentes, mas todos os esforços serão empregados no sentido de encontrar remédio que satisfaça, sem prejuizo dos interesses legítimos dos clubes, cuja obra merece a maior admiração.

A-propósito dêste acontecimento alguns jornais agitaram o assunto, chamando a atenção dos organismos oficiais a quem compete resolvê-lo sobre a necessidade de olhar às conveniências das duas partes interessadas, sem sacrificar duramente os direitos das colectividades desportivas omitindo as compensações



Êste impressionante remate das exerções na barra, com o ginmásta lançada em arriçado vôo é testemunho flagrante da mestria ginmástica nesta especialidade.

justificadas pela sua benemérita e patriótica acção passada.

Seria oportuno que o caso não voltasse a esquecer depois dêste alarme ocasional; nenhuma campanha mais útil poderiam desenvolver os jornais da especialidade e as secções especializadas da imprensa diária.

A existência de parques desportivos espalhados pelos bairros limítrofes da cidade é factor indispensável à prática regular dos exercícios físicos e desportivos ela mocidade lisboeta, e a municipalidade, já que nada constrói por conta própria, deve ao menos evitar destruir sem fornecer aos lesados o meio de remediar os efeitos da sua implacável intervenção.

Temos muito o hábito de copiar tôdas as realizações provenientes do estrangeiro, mesmo aquelas que se não coadunam com as nossas condições sociais e com os costumes tradicionais do povo. Devíamos, no caso em questão, não fugir à regra.

Em todos os países da evolução progressiva, o Estado e as municipalidades se interessam pelo aperfeiçoamento das condições de prática do desporto e pela sua divulgação popular; na época perturbada, incerta, que atravessamos, o desporto é uma derivação pacífica em cujo seio se esquecem rivalidades e paixões ráticas, e é ainda um agente de vigoração e desembaraço para a mocidade. Um povo de gente forte, física e moralmente forte é sempre respeitado no mundo. Não devemos esquecê-lo.

SALAZAR CARREIRA.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição; Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick, língua; Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.<sup>a</sup> ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinhã; Moreno; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

OBSERVAÇÕES

No «Desporto» n.º 27 foi publicada a charada n.º 5 cuja solução é: *vacuidade*. O seu autor decompôs o vocábulo em *va, cuida e de*. Temos aqui, efectuando a junção, quatro sílabas; porém a palavra resultante: *vacuidade*, dá-nos cinco!

Outro exemplo: Num dos últimos «Desportos» foi publicada uma charada aditiva, em prosa, cuja solução era: *realidade*, e que o seu autor decompusera em *real e idade*. O somatório silábico está absolutamente certo, porém observamos uma alteração na constituição de duas sílabas: A segunda sílaba deixou de ser *al* para ser *a* e a terceira, deixou de ser *i* para ser *li*. Foi o nosso arguto e distinto confrade «Marcolim» quem nos chamou a atenção para estes dois casos interessantes e nós damos-lhe inteira razão, prometendo, de futuro, evitar a publicação de trabalhos nestas condições.

ADOPÇÃO DE DICIONÁRIOS

A partir desta data deixamos de adoptar os seguintes dicionários: *Antiga linguagem* de Brunswick, *da língua port.* de A. Coimbra e de Ligorne. Os restantes chegam bem para o fim em vista.

DECIFRAÇÕES DO DESPORTO N.º 23

Por lapso deixámos de publicar, em devido tempo, as decifrações do «Desporto» n.º 23 o que fazemos agora, pedindo desculpa aos nossos colaboradores.

- 1 — Frolido. 2 — Humildosos. 3 — Estafonar.
- 4 — Pedidor. 5 — Estremadura. 6 — Agachis (H X).
- 7 — Osio. 8 — Viravolta. 9 — Zelosamente. 10 — Vaivém.
- 11 — Lapão. 12 — Estropiado. 13 — Pandemónio. 14 — Salve-Rainha. 15 — Corromper.
- 16 — Pa(tro)no. 17 — Ódio velho não cansa.

*Observação:* O próximo número desta secção será dedicado aos confrades de Angola com preito de homenagem ao manifesto apreço que lhe têm consagrado.

RESULTADOS DO N.º 27

(Totalidade — 14 pontos)

QUADRO DE HONRA

Cavaleiro Branco, Marcolim, Mr. Moto, D. Pericles, Erbelo, Aço, Papa-Almudes, Copofónico, Meio-Kilo, Biscaro, Eusapesca, Morenita, Mora-Rei, Alvarinho, Rosa Negra, e Siulno

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado — 13. Sevla, F. J. Courelas, Ramou Lágrimas, Sol de Inverno, Vis-conde X e Diriso — 12. Anjo das Serras, Mirna, Dama Negra, Cigano, Dóris I, Agasio e Calaveras — 10. Aocica, Tarata, J. Tavares, e Aristofanes — 6

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

1) Existe em teu olhar a mágica aparência duma casta expressão, ó minha pomba mansa, embebida de amor, da mais divina essência — que suavisa a alma e ao coração não cansa!

Existe em teu sorriso a leve transparência da mulher divina, sublime e delicada, que trás no coração a paz duma existência, que trás no coração a paz duma alvorada!

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 36

Existe em teu falar aquele doce encanto que o próprio amor, talvez, não saiba desvend[ar] — 3  
 dum êxtase, não sei, de volúpia e quebranto que sem querer nos faz ao coração chegar!

Só não existe, emfim, — que me perdõe se minto — uma coisa, meu Deus, na vida em flor: — não reparar de há muito o que por ela sinto, — não reparar, sequer, neste meu grande amor.

Lisboa D. Simpático (T. E.)

LOGOGRIFO

1640!

2) Primeiro de Dezembro! O brio natural dos bravos corações da gente lusitana, quebrando algumas vis de origem castelhana, nasce e liberta o nobre e velho Portugal!

7-6-2-8-2

Sob o céu português, então, brilha o sinal

2-4-7-1-10

de facho libertário, a luz onde dimana a independente lei que a Lusitânia, ufana, tão alto levantou, tornando-a magistral

2-3-3-5-6

O cetro de Castela, ávaro e sem riqueza,

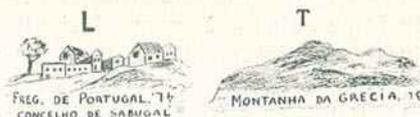
9-2-8-9-10

para sempre tombou na Pátria Portuguesa... destino foi o seu p'los lusos ser domado!

2-4-2-3-10

16) GEROGLIFO COMPLEXO

(Enigma pitoresco)



Albergaria-a-Velha

Olegua

Da Liberdade, o sol, p'ra sempre sa-  
[eiosanto,

3 2-1-9-10  
beijára Portugal, terra de amor e en-  
[canto,  
bergo róseo de heróis que o mar tem  
embalado!

Albergaria-a-Velha  
Olegua (L. A. C.)

SINCOPADA

3) Se acaso se manifesta  
A guerra, sempre fatal,  
Logo o demo, que é bem matreiro,  
Os seus olhares assesta  
E num pronto, urdindo o mal,  
O Inferno atufa, por inteiro. — 3-2

Luanda

ENIGMA

4 Se eu juntar a minha fraca mente,  
O princípio deste verso que me inspira  
O coração, recordo lentamente,  
Um sonho que não geme mas delira...

Sentirei um praser quasi doente  
Roubando para sempre a minha lira  
E de saudades morrerei contente  
Balbuciando o nome dela — Elvira!

Deixo partir as minhas ilusões  
Embaladas num canto de vertigem  
E perdidas em mágicas visões...

Deixo-as voar! — igualo-as a fuligem  
Que existe nos nossos corações  
E que não volta mais à sua origem.

Lisboa

D. Simpático (T. E.)

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS ADITIVAS (Novíssimas)

5 Avante mdoço com a tua espada, mas tem cautela! 2-1.

Luanda Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)

6) A tua canção de um timbre afável torna-me cada vez mais preso. 2-2.

Lisboa

Mirna

7) Eis uma poesia cuja forma compassiva se apresenta sem defeito. 2-2.

Vila de Rei

Diviso

8) O declive dum talento surge às vezes de repente. 3-2.

Lisboa

Sevla

9) A perda dum ente querido causa-nos pena e deixa-nos prostrado. 2-1.

Lisboa

Dama Negra

SINCOPADAS

(Ao Grupo Charadístico «Os X»)

10) Da laçada da morte não se safa o mais astuto. 3-2.

Lisboa

Ricardo (T. E.)

11) Um «robalo» pequeno não se pode frigir numa frigideira de barro. 3-2.

Luanda

Ti Beado

12) É-me difícil tomar esse encargo. 3-2.

Lisboa

Edmaro (L. A. C.)

(Ao Meio-Kilo)

13) Não esteja incomodado porque eu também estou parado. 5-4.

Lisboa

Papa-Almudes (G. X.)

(Dedicada ao confrade M. A. P. M.)

14) «Mulher» que sou, tenho orgulho em ser portuguesa. 3-2.

Lisboa

Eusapesca

ENCADEADAS (Mefistofélicas)

15) Quando não apanho peixes até rapo no cachaço. (2-2) 3.

Abrantes

Oacica

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

# ACTUALIDADES DA QUINZENA



O director do Museu das Janelas Verdes fazendo o elogio de Georges Bastard na sessão de homenagem à memória do organizador da exposição de Sévres. — *A' direita*: Excursionistas operários alemães trazidos em dois paquetes, visitando a jóia artística dos Jerónimos



O Senhor Presidente da República com sua esposa, com o sr. Ministro da Educação Nacional e outras individualidades na sua visita à notável exposição de bronzes artísticos inaugurada nos salões da Garrett. — *A' direita*: O Senhor Presidente da República visitando o 36.º Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes



A Comissão do Congresso Nacional de Transportes na Presidência do Conselho, onde foi entregar uma mensagem em que se evidenciam os benefícios resultantes da organização corporativa e se agradece a magnífica obra nacional do sr. dr. Oliveira Salazar, principalmente no que se refere a estradas, o que permitiu o desenvolvimento da camionagem no nosso País



pariga de hoje, mas ainda bem que assim é, porque nada mais desolador do que mocidade sem alegria, sem risos, sem vida. A mocidade florida é uma alegria para os olhos, e gente moça sem risos é como jardim sem flores e aves sem canto.

Mas essa alegria não a impede de ter na vida interesses sérios, além dos seus estudos. Há meninas que quando deixam de estudar, dedicam horas da semana a uma creche, onde a caridade abriga crianças, que as mães se vêem obrigadas, pelo seu trabalho a deixar, ou ainda em dispensários tratando doentes.

Exercendo assim desde já, esses dois fins da vida da mulher trata as crianças dedicando-se-lhe, como mais tarde se dedicarão aos seus filhos e tratar as que sofrem nesse papel de enfermeira que tão bem se adapta à dedicação da mulher, que foi criada por Deus, para ser o amparo a consoladora do homem, e, a sua suave cooperadora na obra da criação.

É com comoção infinita que tenho encontrado naigunas obras de caridade frescos rostos de raparigas, que alegam crianças com os seus risos e lhes dedicam algumas horas da sua vida, sem que por isso deixem de ser alegres, graciosas, elegantes, antes pelo contrário, aumentando e muito a seu encanto, com essa luz interior, que ilumina o olhar de quem tem na vida um interesse superior.

Esta rapariga que dança, para se divertir, sem fazer do baile o fim da sua vida, que se veste, como as avezinhas alissam as suas penas multicores, no natural desejo de ser bonita, que estuda para ser útil e que se dedica a fazer bem, hade ser mais tarde uma companheira adorável para o homem que a escolher.

Com a sua graça e a sua elegância encherá de brilho e luz a sua vida e com os sólidos qualidades, que estuda para ser útil e que se dedica a fazer bem, hade ser mais tarde uma companheira adorável para o homem que a escolher.

MARIA DE ECA.

## A MODA

Está triunfante a moda da primavera e digamos que os deuses da moda foram bons esta estação. A silhueta feminina mudou e teremos de a modificar um pouco, o que desta vez é talvez um pouco mais fácil do que o costume.

A cintura é o ponto mais visado e também o mais fácil de modificar e nós habituados a modificar a nossa anatomia em coisas mais difíceis chegaremos a conseguir a elegância deste ano: uma cintura delgada e flexível.

Se vamos usar saias rodadas e corpetes justos a cintura terá de ser fina e delgada, é preciso sair arosadamente das ancas avolumadas pela roda da saia o corpo esbelto compensará da grossura



# PÁGINAS FEMININAS

que a saia rodada dá. Uma grande modificação se nota na roupa branca, voltam a aparecer os corpinhos separados das saias e guarnecidos a rendas e fitilhos como se usaram há quarenta anos.

Saias de baixo brancas, rodadas e ligeiramente gomadas fazem o sustentáculo das saias rodadas deixando ver os bicos das rendas ou dos bordados isto enquanto não fórmos obrigadas ao balão. E mau será que Paris se lembre de o impor porque todas o usaremos.

Em tudo a moda mostra uma predileção pelas modas duma tão distante época e teremos de nos sujeitar a elas. Já não é moda a magreza extrema e o caso é que a mulher, tábuca de engomar, que há quinze anos era o modelo de elegância, está hoje desaparecendo por completo e de novo se vêm as formas femininas e o que é mais extraordinário é que aquelas que eram assim estão modificadas; perante a moda, a mulher curva-se e consegue coisas extraordinárias.

Dos cabelos «à garçon» passamos à complicada popa do princípio do século e ao «catogan» usado pelas meninas de quinze anos nessa época. A diferença está em que agora é usado pelas senhoras de todas as idades.

Por enquanto a moda ainda não decretou as distinções que então se faziam segundo as idades, mas naturalmente lá chegaremos.

Damos hoje um lindo modelo de vestido de rua para rapariga, vestido em fazenda de fil azul escura, saia muito rodada e com a competente saia de renda engomada por baixo, corpete justo com

gola e punhos de bordado branco engomado, gravata em fita azul-escura. Chapéu em «taffetas» da mesma cor, todo pespontado, luvas, carteira e sapatos azuis-escuros. É um conjunto dos mais modernos e que se a saia fôsse mais comprida nos transportaria a meio século atrás.

Para a tarde, uma tarde de corimónia e para jantar, um lindo vestido usado pela elegantíssima artista é Elinabeth Allan. O vestido é em jersey de seda preta, um dos tecidos mais «chics» deste ano. Todo o corpete franse em volta dum quadrado em «laine» de oiro, fica também muito bonito o quadrado numa cor vibrante. É este o único enfeite desta «toilette» dum requintado «chic».

Sobre uma ampla saia em «taffetas» azul-escuro, um vestido em tule da mesma cor, com o corpete coberto de margaridas brancas, e, a saia semeada delas, temos uma linda «toilette», de baile do mais encantador efeito. É duma grande originalidade este vestido, não só pela maneira como foi ideado, mas também pela cor que não é muito usada à noite e lhe dá um tom de céu à noite.

Como chapéu de primavera um encantador modelo, que recorda as pastorinhas de Watteau, em palha azul burgueza, flores de «muguet» e fitas de veludo preto. Um enorme véu preto cobre-o todo e vem atar debaixo do queixo, protegendo os cabelos da nuca e evitando que o vento desmanche o penteado. É um modelo lindo e que deve satisfazer todas as que se queixavam que a mulher tinha perdido a graça e a feminidade. É um chapéu bem pequenino este, que corá com vantagem um fresco rosto.

## IRONIA DA SORTE

Um homem que se cansou de esperar pela sorte, abandonou todas as suas probabilidades quando ela estava a caminho.



Por muitos anos, um funcionário dos Correios de Dobrega, comprava o mesmo número da lotaria, convencido de que um dia ou outro acabaria por ganhar um grande prêmio,

Este ano continuou a fazer a mesma coisa até que cansado de ver sucederem-se as semanas, passaram as lotarias e o seu número não ser premiado, sentiu-se desanimado e até mesmo indignado com tão pouca sorte, e, vendeu o bilhete que já tinha na sua mão, a um dos continuos da sua repartição.

Uma destas manhãs, houve nova tiragem e o funcionário agora verdadeiro inimigo de lotarias, tinha o bom cuidado de não perguntar qual era o número que ganhava, mas ao voltar à tarde à repartição depois de almoço encontrou uma respeitosa carta do continuo, sobre a sua secretária, pedindo-lhe um feriado dum dia, para ir celebrar com a sua família a alegria de ter ganho na lotaria com o bilhete que lhe tinha comprado 200000 penys que equivale a setenta e três contos da nossa moeda.

Foi uma verdadeira ironia da sorte.

## PELES VERMELHAS E A GRAFONOLA

Entre os muitos resultados obtidos pela expedição científica do jovem Schulz-Kamplhndel nas regiões ainda inexploradas do Rio Amazonas, há uma que apresenta particular interesse, porque documenta por assim dizer com rara clareza os usos e costumes das tribos selvagens do Brasil.

O sábio alemão conseguiu com aparelhos Telefunken, gravar discos de grafonola com vozes, cantos e palavras destes, peles vermelhas, que vivem internadas nas florestas, e, até agora não tinham tido contacto com brancos, nem com europeus. Nos seus discos o dr. Schulz-Kamplhndel conseguiu trazer para a Europa um verdadeiro vocabulário da língua dos indígenas do Brasil, que tem um evidente valor não só científico, mas também prático. Inauditas foram as dificuldades que a expedição venceu para atravessar aquelas florestas sem caminhos, e, para conseguir pouco a pouco a confiança das tribos.

É foi difficilimo conseguir que os selvagens falassem e cantassem ao microfone. Mas quando os peles vermelhas ouviram as suas vozes pensaram que era um milagre e ficaram considerando do branco, entes sobrenaturais, e, convencidos ficaram que o aparelho era uma caixa mágica.

É o seu respeito e consideração aumentaram extraordinariamente.

## HIGIENE E BELEZA

Muitas senhoras se queixam de chegar ao fim do inverno com as mãos estragadas, apesar de todos os cuidados; é em geral má orientação provocada pelo frio que torna arroxeadas e feias as mãos, assim como também as mãos vermelhas são assim pelo mesmo motivo.

É bom lavar sempre as mãos em água morna, a água fria congestiona-as mais e na água em que se lavam deve deitar-se umas gotas de benjoim e de alcool canforado.

Em seguida aplicar-lhes o seguinte preparado: Lanolina 100 gramas, parafina líquida 25 gramas, Baunilha 0,10 grama, Essência de rosas uma gota.

Frictiona-se dando uma espécie de massagem ás mãos, todas as manhãs e todas as noites com esta pomada e se a pele das mãos for rugosa, devem friccionar-se também com óleo de amêndoas doces e em seguida com alcoolato de alfazema.

É também muito bom em vez de empregar sabonete para as lavar usar creme de amêndoas



doce. É preciso cuidar as mãos porque nada mais feio do que umas mãos rugosas e ásperas com as unhas pintadas.

## RECEITAS DE COZINHA

*Filettes de pescada com recheio de camarão:* Cortam-se os filetes em triângulos e temperam-se com sal, pimenta e limão, um fio de azeite bom, e um pouco de vinho branco e assim se deixam ficar uma hora.

Faz-se um creme grosso no qual se deitam camarões, previamente cozidos em água e sal e descaçados, e deixa-se arrefecer.

Enxugam-se então os filetes e vão-se cobrindo só dum lado com o creme dos camarões e põdo sobre uma tábuca.

Passam-se depois por pão ralado, ovo batido e novamente pão ralado. Fritam-se em bastante azeite. Ficando algum creme, torna-se mais brando com um pouco de leite, e guarnece-se a travessa com alguns camarões inteiros.

*Pombos frios à burgueza:* Para três pombos que se partem em quartos, três cheiras de água, uma de azeite fino, uma de vinagre e 18 cebolinhas pequenas.

Põe-se tudo numa caçarola com sal pimenta e salsa.

Leva-se ao lume e deixa-se cozinhar lentamente até que os pombos fiquem cozidos e com algum molho. Para meio litro de molho, 11 folhas de gelatina desfeita em duas colheres de água e um cálice de vinho do Porto. Junta-se a isto os pombos e deixa-se levantar fervura. Colocam-se os pombos numa forma, deitam-se as cebolinhas e por fim o molho. Deixa-se gelar e depois sirva-se.

## DE MULHER PARA MULHER

*Alda:* É preciso ter a maior paciência, é sem dúvida doença e uma doença muito perigosa embora o não pareça. Devido a esse mal há muitos lares desfeitos, pela incompreensão da mulher e falta de espirito de sacrificio. É uma grande cruz, mais merecimento em a levar ao Calvário.

A neurastenia é contagiosa trate os seus nervos desde já, para poder suportar o contacto diário com um infeliz nesse estado. E tenha paciência, porque pode curar-se.

# PIM DE FESTA

## Bridge

(Problema)

Espadas — 4, 3  
Copas — — — — —  
Ouros — D. V. 10  
Paus — 5, 4, 3

Espadas — — — — — N Espadas — R.  
Copas — A. D. V. 10, 9, 8 Copas — 3, 2  
Ouros — — — — — O E Ouros — A. R.  
Paus — 9, 8 S Paus — D. V. 10

Espadas — A. 2  
Copas — R.  
Ouros — 3, 2  
Paus — A. R. 2

Trunfo espadas. S joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 2 c., e N — 2 c.  
N → A e, tendo O de se baldar a ouros ou paus.  
N joga 2 c., e S — 4 c.  
S → 5 c., O tem de baldar-se e conforme as baldas, assim se baldará N.  
S joga 3 c., e E faz o A c., e tem de jogar paus. Nesta altura estão firmes 2 cartas de paus e ouros, o 3 c., e A p.

## Os pássaros e o barómetro

Quando os pássaros passam o bico pelas penas e se banham e voam baixinho, é, em geral, sinal de chuva.

Certos pássaros, como os papagaios e os canários alisam as penas e não adormecem à noite, se estiver para haver temporal.

Se o pavão grita ao ir empoleirar-se e se os pintarros cantam alto e durante muito tempo, é também sinal de chuva.

A *sphinx caveira* é uma borboleta que atinge 10 centímetros de comprimento, com abdome amarelo escuro, tendo sobre o torax uma figura semelhante a uma caveira e asas inferiores amarelas e superiores negras salpicadas de azul, com três listas transversais brancas. Quando voadora, faz um ruído particular, que lembra um gemido. A sua lagarta vive da rama das batateiras e de outra plantas. Em alguns países, sobretudo em França, quando aparece é tida como sinal de morte, e isso atribui-se à coincidência de, em 1733 e durante uma grave epidemia, na Bretanha, terem aparecido em grande número.

A maior alga do mundo é também a mais preciosa.

É a «Laminaria» que se encontra ao largo do Japão e que, tendo muita vez, 300 metros de comprimento, contém, em média, uns 200.000 francos de iodo.

## Lagos em que ninguém se pode afogar

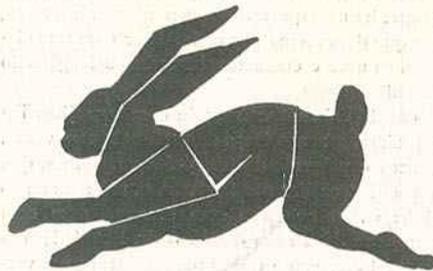
Quem visitar as nascentes de Salsomaggiore, na Itália, onde a elevação da temperatura convida a procurar a frescura num banho, pode fazê-lo sem receio, mesmo que não saiba nadar; ao saltar para a água, esta, por si própria nos impele para a superfície como se fôssemos uma rólha. Podemos sentar-nos, tomar as posições mais extraordinárias, comer, fumar, encher de espanto os espectadores com as mais surpreendentes arabacias, que não se corre o risco de ir ao fundo.

O mesmo acontece nas águas de Droitwich, em Inglaterra.

Uma única coisa se torna impossível de fazer, sob pena de gritar com dores: é molhar os olhos. E porquê? Nada mais simples: é que essas águas são treze vezes mais salgadas que as do oceano.

## Que animal será?

(Solução)



Como vêem, era uma lebre.

## As pancadas do relógio

(Problema)

Respondam a isto mas muito depressa: Um relógio que tenha a particularidade de não dar os quartos nem as meias horas, quantas vezes bate, num dia inteiro?

## Digna de piedade

Na aldeia de pescadores de Polperro, em Inglaterra havia ainda há pouco uma pobre mulher que despertava a atenção e a compaixão de quem a via. Passava a vida à porta de sua casa, perscutando constantemente o horizonte. Quando alguém passava perto dela, interrompia a sua observação para lhe dizer:

— Se vir o meu Joe, diga-lhe que estou à espera dele.

O seu Joe era um filho que partira para a pesca, havia já catorze anos, e a que o mar arrebatara traiçoeiramente.

No fim destes anos todos, a desgraçada mãe, cansada de esperar em vão, partiu por sua vez, ao encontro do filho, estando hoje sepultada no pequeno cemitério da sua aldeia.

## As idades do pai e do filho

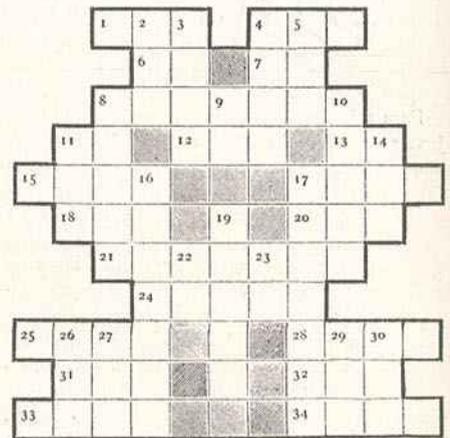
(Problema)

Dizendo um pai a seu filho, que é (pai) tinha justamente o triplo da idade do filho, este observou-lhe: — Mas quando eu tiver o dobro da idade que tenho agora, o pai terá nessa ocasião o dobro da minha idade e não o triplo.

Que idade teria um deles no momento em que estavam falando?

## Palavras cruzadas

(Passatempo)



### HORIZONTAIS

1 — Capa sem mangas. 4 — Cabeça de gado. 6 — 5.º mês dos hebreus. 7 — Do verbo haver. 11 — Pronome. 12 — Amalgama. 13 — Pronome. 15 — Corte de ramo de árvore. 17 — Fluxo e refluxo. 18 — 1004. 20 — Argola. 21 — Som que se repercute. 24 — Sarna das ovelhas. 25 — Coloquei ao lado. 28 — Móvel. 31 — Vão. 32 — Espécie de cerveja inglesa. 33 — De pequeno tamanho. 34 — Peito.

### VERTICAIS

2 — Parente. 3 — Comece. 4 — Mãe de vários Deuses. 5 — Três vogais. 8 — Rogar. 9 — Entrega. 10 — Campo com sementeira. 11 — Ruído. 14 — Toiro bravo. 16 — Asco. 17 — Senhoras. 19 — Glória. 22 — Solitário. 23 — Interjeição. 26 — Divindade. 27 — Costuma. 29 — Pronome. 30 — Conheço.

## De quantas maneiras?

(Solução)

- 27, de três maneiras:  
20 + 7; 16 + 9 + 2; 20 + 5 + 2.
- 30, de duas maneiras:  
16 + 9 + 5; 16 + 7 + 2 + 5.
- 36, de três maneiras:  
20 + 16; 20 + 9 + 7; 20 + 5 + 9 + 2.
- 39, de duas maneiras:  
20 + 17 + 2; 16 + 9 + 5 + 7 + 2.
- 42, de três maneiras:  
20 + 17 + 5; 17 + 16 + 7 + 2; 17 + 16 + 9.



— Queira V. Ex.ª desculpar, mas a não ser que eu esteja enganado, parece-me já ter visto a sua cara em qualquer parte.

— Pois creta que está enganado. Eu uso-a sempre no mesmo lugar.

«Il. 420» (Florença).

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

# A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 11\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À VENDA

## A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris  
O infarto do miocardio  
O sindroma de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO  
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00  
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA



### A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores  
Páginas magnificas sobre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

**NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES**

**FIGURINOS E MODELOS** das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, **Esc. 3\$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

**LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA**



**ZIG-ZAG**

O UNICO PAPEL DE FUMAR  
QUE NÃO AFECTA  
A GARGANTA

DOUBLE . . . . . \$60  
Simples . . . . . \$30

Unicos importadores  
**CASA HAVANEZA-LISBOA**

**COLECCÃO FAMILIAR P. B.**

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se estejam na fantasia e despertem pelo enteecho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviado-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de familia, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

**Volumes publicados:**

**M. MARYAN**

Caminhos da vida  
Em volta dum testamento  
Pequena rainha  
Divida de honra  
Casa de familia  
Entre espinhos e flores  
A estátua velada  
O grito da consciência  
Romance duma herdeira  
Pedras vivas  
A pupila do coronel  
O segredo de um berço  
A vila das pombas  
O calvário duma mulher  
O anjo do lar  
A força do Destino  
Batalhas do Amor  
Uma mulher ideal  
Ilusão perdida

**SELMA LAGERLÖF**

Os sete pecados mortais e outras histórias  
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**O Bêbé**

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.<sup>a</sup> Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**DOCES E COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS POR **ISALITA**

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**OBRAS DE JULIO DANTAS**

**PROSA**

- ABELHAS DOIRADAS — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
— (1.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 15\$00  
ALTA RODA — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. . . . . 12\$00  
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. . . . . 12\$00  
AO OUVIDO DE M.<sup>mo</sup> X. — (5.<sup>a</sup> edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. . . . . 9\$00  
ARTE DE AMAR — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. . . . . 10\$00  
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.<sup>a</sup> milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. . . . . 12\$00  
CARTAS DE LONDRES — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. . . . . 10\$00  
COMO ELAS AMAM — (4.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
CONTOS — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
DIALOGOS — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. . . . . 1\$50  
ELES E ELAS — (4.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
ESPADAS E ROSAS — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
ETERNO FEMININO — (1.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. . . . . 12\$00  
EVA — (1.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. . . . . 10\$00  
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
GALOS (OS) DE APOLO — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
MULHERES — (6.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. . . . . 9\$00  
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. . . . . 6\$00  
OUTROS TEMPOS (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
PATRIA PORTUGUESA — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. . . . . 12\$50  
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. . . . . 2\$00  
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. . . . . 1\$50  
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. . . . . 12\$00

**POESIA**

- NADA — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. . . . . 6\$00  
SONETOS — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. . . . . 4\$00

**TEATRO**

- AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 3\$00  
CARLOTA JOAQUINA — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. . . . . 3\$00  
CASTRO (A) — (2.<sup>a</sup> edição), br. . . . . 3\$00  
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 1\$50  
CRUCIFICADOS — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 3\$00  
D. JOÃO TENÓRIO — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
D. RAMON DE CAPICHUBIA — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 2\$00  
MATER DOLOROSA — (6.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 3\$00  
1023 — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 2\$00  
O QUE MORREU DE AMOR — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 4\$00  
PAÇO DE VEIROS — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 4\$00  
PRIMEIRO BEIJO — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 2\$00  
REI LEAR — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. . . . . 9\$00  
REPOSTEIRO VERDE — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 5\$00  
ROSAS DE TODO O ANO — (10.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 2\$00  
SANTA INQUISIÇÃO — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. . . . . 6\$00  
SEVERA (A) — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
SOROR MARIANA — (4.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. . . . . 3\$00  
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00  
VIRIATO TRÁGICO — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. . . . . 8\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**  
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA  
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

*Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.*

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

## Manual de Medicina Doméstica

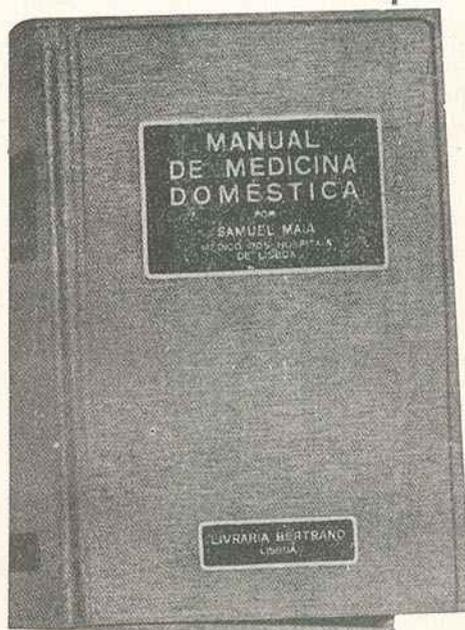
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

*Regra de bem viver para conseguir a longa vida*

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75





# **A RISOTA**

*Semanário humorístico*

De cada vez maior a procura e sucesso da **A RISOTA**, — o jornal humorístico que a todos fará rir, que a todos dará, semanalmente, algumas horas de boa disposição, de desopilante passatempo. Vem trazer a todos — velhos e novos, homens e senhoras, ricos e pobres — a alegria, com a sua graça apropriada, com as suas caricaturas da mais flagrante actualidade, com o seu comentário sarcástico ou ridículo, com a sua piada a tempo, e, sobretudo, com o maior desejo de fazer esquecer aos seus leitores as horas amargas da vida.

Vem, pois, **A RISOTA**, fazer-vos rir, à valentona. E vem alegre, atraente, trazida pela mão do escol mais brilhante, de artistas e escritores humorísticos.

E assim **A RISOTA**, dirigida por um poeta-artista, Augusto de Santa Rita, dar-vos-há os desenhos dos consagrados: Almada Negreiros, Arnaldo Ressano Garcia, Leal da Câmara, Arlindo Vicente, Amarelhe, Hugo Sarmento, Zeco, Arcindo Madeira, etc. A prosa e o verso serão dos brilhantes escritores: Tomás Ribeiro Colaço, Augusto Cunha, Armando Ferreira, Mário Marques, Luís de Oliveira Guimarães, Castelo de Morais, José de Oliveira Cosme, Cardoso Marta, D. Tomás de Almeida, Anibal Nazaré, António Santos (Antonito), José Castelo, etc.

**Oito páginas, a côres**, publicar-se-há tôdas as **segundas-feiras**. Devido ao acolhimento do público e ao aumento de tiragem o seu preço passa a ser apenas de

**UM ESCUDO**

A' venda em tôdas as livrarias, tabacarias, gares de caminho de ferro, postos de venda de jornais e nas ruas por todos os vendedores

**COMPREM, LEIAM, DIVULGUEM**

**A RISOTA**

**ARTE E ALEGRIA**

Façam imediatamente as suas requisições à

**Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 em LISBOA**